

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

VANESKA GABRIELA DA COSTA

**CONEXÕES *ON LINE*: UMA AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES
SOCIAIS CONSTRUÍDAS NA REDE**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Prof^a. Dra. Regina Ilka Vasconcelos.

Uberlândia, Janeiro de 2008.

COSTA, Vaneska Gabriela da. (1982)

Conexões *on line*: uma avaliação das relações sociais construídas na rede.

Vaneska Gabriela da Costa - Uberlândia, 2008.

97 fls.

Orientadora: Dra Regina Ilka Vasconcelos

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras-chave: *cibercultura*, *ciberespaço*, sociabilidade, território e identidade.

VANESKA GABRIELA DA COSTA

**CONEXÕES *ON LINE*: UMA AVALIAÇÃO DAS RELAÇÕES
SOCIAIS CONSTRUÍDAS NA REDE**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Regina Ilka Vasconcelos – Orientadora

Prof^ª. Dra. Dilma Andrade de Paula

Prof^ª. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa

A pluralidade de expectativas e de memórias é fruto de uma pluralidade de mundos. Quanto maior a abertura à alteridade, maior a riqueza individual. (SILVA, Lídia Oliveira)

Agradecimentos

A Deus,
Sou grata por, mais uma vez ,ter concretizado um sonho.
Em todos os momentos Ele esteve comigo.
Da primeira palavra até aqui.

A minha querida mãe, *Angela*,
Pelo esforço e dedicação, oferecendo-me as condições para que eu concretizasse o desejo de prosseguir nos estudos;
Pela confiança, por acreditar que eu sempre conseguiria.

Ao meu irmão, *Wellington*, pela sua amizade, pelo seu carinho e compreensão, e pelas disputas em torno do computador.

A minha família: meus tios e primos; com carinho especial aos meus avós, *Sebastião e Geni*, pelo interesse e incentivo. Ao meu namorado, Edislei, por acompanhar meus sonhos.

A pessoas muito especiais, cuja amizade é um presente. Amigos de vida, de risos, brincadeiras, de longas discussões de corredor (*Brenda, Alana, William, Luciana* e outros que não esquecerei). Aos amigos que ganhei e que muito me ajudaram com seu incentivo e suas cobranças (*Soraia, Mídián, J. Roberto, Lindamar, Aline, Cíntia, Estér*).

Ao grande amigo de vida acadêmica, *João Batista*, nosso secretário, por suas orientações e sua solicitude.

Aos Professores da Graduação,
A todos, um sincero agradecimento e o reconhecimento da importância que cada um teve neste processo de formação.

As professoras da Banca Examinadora, prof^{as}. *Dra. Dilma Andrade de Paula* e *Dra. Marta Emília Jacinto Barbosa*, pela prontidão e pelas observações que enriquecerão a continuidade de meus estudos.

A minha Professora Orientadora, *Dra. Regina Ilka Vasconcelos*,
Um agradecimento especial pela exímia orientação, cujos conselhos e correções levarei por toda vida e que se farão sentir nos futuros trabalhos.
Sua dedicação e seu envolvimento com nossos objetivos são os alicerces da feliz relação que se estabelece entre orientadora e orientandos, tornando-a, por isso, uma referência para seus alunos.

Resumo

O trabalho monográfico que segue, discutirá a *Internet* e os novos padrões de sociabilidade na sociedade contemporânea a partir de conceitos importantes como território, tempo, espaço e tecnologia. O suporte teórico metodológico, associado a perspectiva dos usuários da rede, apreendida por meio de entrevistas, questionários e observação de páginas pessoais e comunidades virtuais, ampliam o horizonte da discussão historiográfica por expor novas práticas e atitudes dos sujeitos históricos. Este exercício aponta, igualmente, para novas questões em torno da interatividade, das novas formas de comunicação e expressão e a importância dessas na formação dos laços sociais.

Sumário

Introdução.....	09
Capítulo 1 – Redes e territórios.....	23
1.1 – A difusão da <i>Internet</i> e a construção de novos espaços.....	23
1.2 – Novos espaços, novas simbologias.....	33
1.3 - Trilhas digitais.....	44
Capítulo 2 – Comunidades Virtuais.....	51
2.1 – A dinâmica de formação das Comunidades Virtuais.....	51
2.2 – Salas de bate-papo: boêmia virtual, aceitação e popularidade.....	70
2.3 – (<i>Ciber</i>) Intolerância e comunidades.....	84
Conclusão.....	90
Bibliografia.....	93

Sumário de Figuras

Figura 01 – <i>Emoticons</i> do <i>MSN Messenger</i>	32
Figura 02 – Portal <i>Yahoo!Brasil</i> – www.yahoo.com.br	46
Figura 03 – Portal <i>Terra</i> – www.terra.com.br	47
Figura 04 – Portal <i>UOL</i> – www.uol.com.br	48
Figura 05 – Perfil social no <i>Orkut</i>	55
Figura 06 – Perfil profissional no <i>Orkut</i>	56
Figura 07 – Perfil pessoal no <i>Orkut</i>	57
Figura 08 – Comunidade “Uberlândia”	62
Figura 09 – A primeira comunidade registrada referente à cidade de Uberlândia.....	64
Figura 10 – Comunidades Relacionadas.....	66
Figura 11 – <i>Links</i> direcionando para bate-papo.....	72
Figura 12 – Salas de bate-papo disponíveis na categoria “Cidades de Uberlândia”.....	74
Figura 13 – <i>Emoticons</i>	77

Introdução

Pensando a dinâmica social e a disponibilidade de novos recursos e ferramentas tecnológicas na contemporaneidade a partir de um processo rápido e constante de informatização, podemos abstrair uma série de transformações que alteram abruptamente o nosso modo de vida, não só no tocante a satisfação de nossas necessidades materiais, mas, sobretudo, no modo de nos relacionarmos uns com os outros e na própria relação com a produção do conhecimento. Esta informatização envolve, portanto, mecanismos diversos de transformações culturais, modificando, por exemplo, a qualidade dos instrumentais comunicacionais dos grupos sociais. É justamente aceitável para nós, futuros historiadores e pesquisadores da realidade sociocultural, que todo este cenário resulte no redimensionamento de nossa atenção para novos objetos e novas linhas de pesquisa, no sentido de enriquecer o quadro até então construído pela historiografia de um modo geral.

Um dos aspectos mais destacados, no contexto das transformações midiáticas, campo em que as transformações tecnológicas têm tido grande impacto, refere-se ao crescimento no uso da *Internet*, também denominada a grande Rede. Enquanto ferramenta informacional e comunicacional, a *Internet* é produto de um projeto militar norte-americano, arquitetado em plena guerra fria na tentativa de construir uma grande rede de informação que viabilizasse suas estratégias hegemônicas pelo mundo. Daí, seu uso difundiu-se pelos grandes centros acadêmicos ainda no final dos anos 60 e início dos 70, para nos anos 90 estender-se para a sociedade, disponibilizando, para um público inicialmente limitado, serviços, conhecimentos e entretenimento.

O objeto de minha pesquisa compreendeu o estudo da **Internet e as novas formas de sociabilidade**. Tomo, então, como ponto de partida desta discussão, as implicações socioculturais engendradas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), mormente, no que diz respeito às novas formas de pensar a sociabilidade na tentativa de identificar os parâmetros que as pessoas utilizam na sua leitura diante das transformações operadas no campo da comunicação. Embora seja um tema sem muitas pesquisas realizadas no âmbito da historiografia, acredito ser de grande relevância, pois também nos coloca diante do desafio de pensar uma nova modalidade de exclusão que se instaura: a infoexclusão. Desde a elaboração do projeto procurei enfatizar que o trabalho dele decorrente seria realizado a partir da perspectiva

dos usuários por reconhecer que as práticas de uma parcela significativa da população estavam se transformando a tal ponto de também interferir nas práticas do restante da população: vivenciamos transformações cujas conseqüências são irremediáveis e se tivermos de falar em exclusão, que estejamos então preparados para discutir políticas de inclusão. A comunicação mediada por computador, nas proporções que visualizamos hoje, é apenas uma parte das mudanças que se operam no comportamento da sociedade; as transações bancárias *on line*, o *e-commerce*, a educação à distância, são realidades presentes em nosso cotidiano e muito se tem discutido sobre elas.

Além de uma preocupação teórica, o objeto de minha pesquisa também responde a uma motivação pessoal, expressa no gosto de “navegar” com ou sem destino pelas possibilidades abertas quando me conecto à rede. Longe de trazer respostas e determinar diretivas para a discussão, o trabalho permitiu-me relativizar o excesso de otimismo, compreender de fato a idéia de que “a adesão não exclui a crítica” e, acrescento, propor redimensionamentos. Por isso, a pesquisa bibliográfica, associada a trabalhos de investigação empírica com entrevistas e aplicação de questionários, e observação de páginas pessoais, comunidades virtuais e *layout* das páginas de *Internet*, permitiu-me trazer novos questionamentos.

O interesse por uma temática tão nova, sobretudo, na corrente historiográfica, leva em conta a necessidade que nos é imposta, quotidianamente, de redimensionarmos nossa perspectiva analítica do ponto de vista do imaginário social coletivo quanto às transformações operadas na passagem dos anos 1990 para o século XXI com a difusão de outras mídias eletrônicas. Pensar o modo como os indivíduos, ao assumirem o seu papel de sujeito histórico, reelaboram os mecanismos de construção dos sentidos da dinâmica social é outro ponto relevante para o levantamento desta discussão, daí a escolha do título **Conexões On-line: uma avaliação das relações sociais construídas na rede**, identificando os elementos e os pressupostos que as pessoas utilizam para refletir a construção de seus laços sociais, se assim os utiliza.

O *ciberespaço* emerge, portanto, como *locus* de conflito, oposições e diversidades, uma vez que seu caráter universalizante não compartilha dos mesmos pressupostos de uma corrente totalitária, preconizando, acima de tudo, participação ativa, com o constante exercício da reapropriação e da recombinação dos elementos que começam a circular pelas fronteiras entre real e virtual. Desse modo, o presente trabalho monográfico visa conferir ao campo da interatividade uma discussão conceitual capaz

de traçar algumas diretrizes para a compreensão das relações sociais construídas na rede, assim como apontar para onde seguem as pesquisas nas áreas de Antropologia, Filosofia e Sociologia que têm se dedicado ao tema. É apenas uma iniciativa, modesta em suas proporções.

Por discutir novas concepções, que são produzidas pelos sujeitos e não pela ciência em si e por focalizar a experiência desses sujeitos, optei pela História Oral como um dos recursos metodológicos. Acredito que dialogando com esta metodologia temos mais condições de trabalhar as evidências em termos de experiência social, reconhecendo o valor e a importância de cada indivíduo, o que exige consciência de que o êxito da História Oral está em considerar importante tudo aquilo que o entrevistado diz e não aquilo que queremos ouvir. Deste modo, delimitei o universo de usuários a ser analisado da seguinte maneira: jovens na faixa etária entre 18 e 25 anos, localizados na zona urbana, precisamente em Uberlândia. Este segmento apresenta-se mais receptivo às transformações tecnológicas informacionais, expostos a elas nas relações de trabalho e pessoais; nas minhas “visitas” às salas de bate-papo dos *sites* de relacionamento, esta faixa etária é mais presente e ativa, adotando uma frequência cotidiana.

A parte de pesquisa esteve restrita a dois procedimentos. O primeiro incluiu a elaboração de um questionário que seria distribuído na rede tratando de questões como tipo de conexão, tempo dispensado (horas por semana), atividades realizadas com frequência na Internet, participação em comunidades virtuais, entre outras. Antes de realizar as entrevistas, optei por elaborar um questionário que permitisse visualizar o perfil médio do usuário, aplicado através do recurso de correio eletrônico para *e-mails* obtidos em salas de bate-papo (principalmente, no *site* www.uol.com.br) e páginas pessoais (www.orkut.com).

Questionário aplicado:

1. Sexo: M (☐) F (☐).
2. Idade: () anos.
3. Reside em Uberlândia: S (☐) N (☐). Zona Urbana: S (☐) N (☐). Zona Rural: S (☐) N (☐).
4. Possui computador em casa: S (☐) N (☐).
5. Seu computador tem acesso à Internet: S (☐) N (☐).
6. Motivo para inexistência de acesso à internet no domicílio (marque a opção com um “x”):

- 6.1. O custo do equipamento é muito elevado ().
- 6.2. O custo do acesso é muito elevado ().
- 6.3. Tenho acesso em outro lugar ().
- 6.4. Nda ().

7. Tipo de conexão utilizada em seu domicílio (marque a opção com um “x”):

- 7.1. Modem tradicional/discado ().
- 7.2. Banda Larga:
 - 7.2.1. Modem digital via linha telefônica (XDSL, ADSL, SDSL) ().
 - 7.2.2. Modem via cabo ().
 - 7.2.3. Conexão via rádio ().
 - 7.2.4. Conexão via satélite ().
- 7.3. Outros ().
- 7.4. Não sabe ().

8. Local de uso do computador:

- 8.1. Casa ().
- 8.2. Trabalho ().
- 8.3. Instituição de ensino ().
- 8.4. Casa de amigo, parente, vizinho ().
- 8.5. Lan houses ().
- 8.6. Outros ().

9. Local de uso da Internet:

- 9.1. Casa ().
- 9.2. Trabalho ().
- 9.3. Instituição de ensino ().
- 9.4. Casa de amigo, parente, vizinho ().
- 9.5. Lan Houses ().
- 9.6. Outros ().

10. Frequência de uso da Internet:

- 10.1. Todos os dias ou quase todos os dias ().
- 10.2. Pelo menos uma vez por semana, mas não todo dia ().
- 10.3. Pelo menos uma vez por mês, mas não toda semana ().

11. Número de horas gasta na internet por semana:

- 11.1. Mais de 31 horas ().
- 11.2. entre 21 e 30 horas ().
- 11.3. Entre 16 e 20 horas ().
- 11.4. Entre 11 e 15 horas ().
- 11.5. Entre 06 e 10 horas ().
- 11.6. Entre 01 e 05 horas ().
- 11.7. Menos de 1 hora ().
- 11.8. Não sabe/não respondeu ().

12. Propósitos de uso da Internet:

- 12.1. Fins pessoais/privados ().
- 12.2. Educação/estudos ().
- 12.3. Trabalho remunerado/negócios ().
- 12.4. Trabalho voluntário/comunitário ().

13. Atividades realizadas freqüentemente na rede:

- 13.1. Participar de sites de relacionamentos ().
- 13.2. Criar ou atualizar Blogs e/ou Websites ().
- 13.3. Enviar/receber mensagens instantâneas, MSN, por exemplo ().
- 13.4. Participar de chats, discussão ().
- 13.5. Enviar/receber e-mails ().
- 13.6. Procurar informações diversas saúde, viagens, bens, serviços – ().

14. Qual a principal motivação para você construir “seu Orkut” ? 15. Quantos membros possui no seu Orkut ? () membros. Destes, quantos você já conhecia pessoalmente? () membros. Destes, quantos você conheceu posteriormente? () membros. 16. De quantas comunidades participa? () comunidades. Sua participação é ativa, constante? S () N (). O conjunto de suas comunidades traça seu perfil? S () N (). 17. É adepto de salas de bate papo? S () N (). Frequenta com que intensidade? 18. De modo geral, as interações na rede constroem vínculos: 18.1. Fracos (). 18.2. Fortes (). 18.3. Nem fracos, nem fortes, mas nem por isso destituídas de sentido (). 18.4. Nda (). 19. Na sua opinião, a possibilidade de nos relacionarmos on-line intensifica os quadros de isolamento social? 20. Para relacionamentos afetivos você já buscou parceiros na rede – salas de bate-papo, orkut, sites de relacionamento? S () N (). Já namorou alguém que conheceu na Internet? S () N (). Em caso negativo, namoraria? S () N (). 21. Você acredita que as novas TIC’s têm alterado os padrões de sociabilidade? Em que sentido?
--

O segundo procedimento compreendeu a realização de 5 (cinco) entrevistas. A identificação de cada usuário, conforme é apresentada nas diversas inserções no texto que segue, dá-se via *nickname* (apelido/máscara) ou pelo próprio nome do usuário (Adriana, 24 anos; Elaine, 23 anos; Bill, 20 anos; Tiago, 20 anos e Gabriel, 25 anos). Com exceção de Bill, os demais entrevistados são estudantes e cada um ao seu modo expressou suas vivências em termos de interatividade com a rede.

O questionário foi enviado para um grupo de 25 pessoas, deste, 15 retornaram respondidos; era destinado a jovens entre 18 e 25 anos, residentes na zona urbana de Uberlândia, de ambos os sexos. Uma das questões foi referente ao tipo de conexão utilizada: dos quinze questionários respondidos, apenas cinco traziam a modalidade acesso discado, enquanto os dez restantes afirmavam fazer uso de outras modalidades de conexão, onde o fator velocidade é mais aprimorado, como é o caso da banda larga (modem digital ADSL, conexão via cabo, conexão via rádio e conexão via satélite), onde não há limitações tarifárias no sentido de que o internauta pode usufruir a conexão livremente durante toda a semana independente de horários pré-determinados; já o acesso discado passa a ser preterido em função da linha telefônica permanecer ocupada durante o uso da *Internet* e por se tratar de uma conexão de certa forma instável, sujeita a muitas quedas. Do ponto de vista social, pensando no aspecto da interação, a conexão

discada impõe alguns limites para o usuário, de modo que, para obter um melhor aproveitamento, torna-se necessário, ou melhor, mais viável economicamente, o acesso da zero hora até as seis horas da manhã durante a semana e livremente no fim de semana após as quatorze horas de sábado.

O questionário apresentado apontou, superficialmente, a dinâmica de uso da *Internet*, cabendo às entrevistas uma discussão um pouco mais profunda sobre as questões que embasam o presente trabalho. Foram realizadas cinco entrevistas com usuários da rede. A primeira foi realizada com Adriana (24 anos, superior completo, contatada em uma sala de bate-papo voltada para usuários de Uberlândia no site www.uol.com.br); a segunda com Elaine (23 anos, estudante universitária, também indicada pela usuária citada acima); a terceira com Bill (20 anos, segundo grau completo, contatado em uma *lan house* no centro da cidade, Bill configura como apelido usualmente utilizado nas conversações *on line* deste usuário); a quarta com Tiago (20 anos, estudante universitário, também contato em sala de bate-papo) e, por último, com o estudante Gabriel (25 anos, estudante universitário, contato em *sites* de relacionamento - *Orkut*).

Depois da seleção preliminar do meu objeto, a primeira questão que coloquei foi aquela que se opõe a uma concepção de história como ciência do passado, ou seja: como estudar um presente tão vivo, tão próximo, cujas explicações ainda não apresentam conclusões que nos auxiliem a propor novas questões? Este posicionamento nos coloca diante de novas dificuldades, mas não da impossibilidade de construir historicamente nossa percepção da realidade, mesmo que próxima, afinal: "... o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor; os homens."; continuado: "*Ciências dos homens*, dissemos. É ainda vão demais. É preciso acrescentar: *dos homens no tempo*."¹ Aqui Bloch ressalta o valor da temporalidade histórica e do homem social. Pensando a redefinição das relações passado-presente, tampouco acredito na localização do referido objeto no agora unicamente, ao contrário, é preciso ter em mente que todas essas configurações no campo social e cultural fazem parte de um processo anterior à eclosão da *Internet* comercial, há dez anos atrás. A historiadora Marieta Ferreira também contextualiza esta discussão apropriadamente:

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história** ou O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 54-55.

Na última década, porém, houve importantes transformações nos diferentes campos da pesquisa histórica. A discussão das relações entre passado e presente e o rompimento com a idéia que define o objeto histórico como incapaz de ser interpretado em função do presente abriram novos caminhos para o estudo da História do século XX. Por sua vez, a expansão dos debates sobre memórias e suas relações com a história pode oferecer chaves para uma nova compreensão do passado (...) o tempo presente é o período no qual ocorrem eventos que pressionam o historiador a revisar o significado que ele dá ao passado.²

Deste modo, a autora nos encoraja a abordar esses novos objetos até mesmo como um enfrentamento da nossa conduta teórico-metodológica. Apresenta-se, portanto, como oportuna e necessária a discussão sobre as problemáticas propostas em torno das novas tecnologias no âmbito dos arranjos sociais inaugurados na sociedade contemporânea, a partir das interações sociais configuradas *on* e *off line* na experiência com as interfaces digitais. De tal modo, busca-se compreender o processo de transformação social que parece fundamentar a conectividade disponibilizada pelas novas tecnologias nas áreas de informática e telecomunicações, no sentido de problematizar o *ciberespaço* como espaço de fato, aberto às possibilidades de experiências da colaboração, do compartilhamento e da interação.

O pensamento crítico entra em cena para delinear a orientação e as modalidades dessas transformações. Estas podem ser observadas no nosso cotidiano: as mudanças nos hábitos de lazer são extremamente sensíveis para nós, até mesmo a concepção de ociosidade alterou-se com a reorganização do mundo do trabalho, com a expansão do teletrabalho, jornadas reduzidas, etc. Os estudos que tomam a Internet por objeto tendem, na grande maioria, a se polarizarem em duas perspectivas distintas. De um lado, os otimistas, defendendo a idéia do homem onipresente, colocando a ciência como favorável à satisfação plena de todas as necessidades humanas, à suspensão do passado (tudo é presente) e da relação com o tempo e o espaço; de outro lado, os pessimistas, alegando a desagregação da realidade, da criatividade e da racionalidade, deformação do homem e do mundo, processo de individualização crescente, alienação total. O filósofo francês Pierre Lévy aponta:

...muitos discursos que se apresentam como críticos são apenas cegos e conservadores. Por conhecerem mal as transformações em

² FERREIRA, Marieta F. Uma história do tempo presente é possível? **Nossa História**. São Paulo, n.14, p. 98, 2004.

andamento, não produzem conceitos originais, adaptados a especificidade da cibercultura. Critica-se a *ideologia (ou a utopia) da comunicação* sem se fazer distinção entre televisão e Internet. Estimula-se o medo da técnica desumanizante, ao passo que as questões dizem respeito às escolhas entre as técnicas e seus diferentes usos. Deplora-se a confusão crescente entre real e virtual sem nada se entender sobre virtualização, que pode ser tudo menos desrealização do mundo – seria antes uma extensão do potencial humano (...). É urgente, inclusive para a própria crítica, empreender a crítica de um gênero crítico desestabilizado pela nova ecologia da comunicação. É preciso interrogar hábitos e reflexões mentais cada vez menos adequados às questões contemporâneas.³

A expressão “nem anjos, nem demônios” parece caber bem aqui. Acredito ser arriscado assumir uma postura dual, ambivalente, relativista, apostando quase tudo na ambigüidade de um processo; precisamos nos debruçar mais detidamente sobre essas discussões de modo a compreender a dicotomia **determinismo tecnológico x adaptação social** da tecnologia pensando a construção da Sociedade da Informação e as experiências sociais envolvidas neste processo. Não podemos nos esquecer de que existem forças sociais em ação, demandadas pelos atores sociais, na forma como cada pessoa ou grupo apropria-se das tecnologias. Os homens podem responder de modos variáveis; eles podem rejeitar uma tecnologia, usá-la propondo um fim diverso para o qual foi proposto inicialmente e atribuir-lhes um conjunto de símbolos. Um primeiro passo a ser dado, acredito ser reconhecer a importância da esfera social na configuração das tecnologias, ou seja, não pensá-la como pré-determinada, autônoma e exterior à sociedade.

Portanto, ao reconhecer o *ciberespaço* como uma espécie de dimensão do real, na qual atuo e de certa forma me movimento, acredito ser necessário atentarmos para uma noção que acompanhará o desenvolvimento deste trabalho. Trata-se da concepção de experiência proposta por E. P. Thompson (1924-1993). Embora seus escritos tenham se concentrado na formação histórica da classe operária, suas contribuições teórico-metodológicas ultrapassam o campo dos referenciais econômicos. A leitura de suas obras aponta para uma nova possibilidade de se enxergar a cotidianidade do sujeito histórico, de modo a compreendê-lo enquanto tal. Thompson propõe pensar a realidade histórica como processo, é neste sentido que ele coloca a **experiência enquanto a**

³ LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 229.

relação entre o ser social e a consciência social e, conseqüentemente, aponta que a construção do conhecimento científico depende do diálogo entre teoria e evidências.

Trouxe suas contribuições justamente por entender que as transformações que se operam nas formas de sociabilidade – as comunicações mediadas por computadores – refletem o agir consciente de “homens e mulheres” como salientaria Thompson, que através de práticas construídas social e historicamente definem e redefinem essas mesmas práticas e pensamentos. A experiência, enquanto categoria útil para abordagem do processo histórico, dá conta das respostas de indivíduos e grupos diante de determinados acontecimentos; ressalto que este “dar conta das respostas dos indivíduos” não implica pensar um modelo fechado e acabado, até porque a História preocupa-se com fatos que constituem “...evidência de comportamento (inclusive mental, cultural) acontecendo no tempo.”⁴ Isso é o que podemos observar no capítulo intitulado “Padrões e Experiências” em *A formação da classe operária inglesa*, onde Thompson analisa as mudanças nos padrões de consumo, alimentação e moradia no contexto da Revolução Industrial, com o surgimento das fábricas e regiões operárias. Thompson utiliza-se de uma narrativa através da qual estabelece o caráter coletivo da experiência de exploração e opressão dos trabalhadores ingleses, mas, constantemente, ele abre espaço para que aflorem as experiências individuais de artesãos e trabalhadores rurais e urbanos. A noção de experiência é fator fundante do trabalho de Thompson.

Mas é na obra *A miséria da teoria* que vemos mais claramente, numa perspectiva teórica, seu entendimento acerca da experiência humana:

Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas.⁵

Neste trecho podemos observar que a preocupação central é desvencilhar a teoria histórica dos reducionismos, mormente, aqueles que desconsideram o papel do sujeito histórico e que concebem o indivíduo circunscrito aos acontecimentos especificamente

⁴ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 49.

⁵ Ibidem, p. 189.

econômicos, como se fosse possível pensar a economia desvinculada da cultura, o social do político e assim por diante. Essa noção de experiência nos ajudará a entender, posteriormente, como os usuários da rede tendem a elaborar códigos sociais nas interações *on line*. Outro aspecto de extrema relevância é entender a articulação entre o conceito de experiência e cultura para não cairmos no equívoco de que toda informação (produzida por um emissor) é recebida passivamente na forma de dominação. Ainda segundo Thompson, a experiência não é o reflexo fiel de uma ideologia: ela pode ser possibilidade de superação, no sentido de que pode levar o indivíduo ou o grupo a rever valores e práticas, remodelando suas identidades, sejam elas de classe, etnia ou gênero.

A história constitui-se de um processo contínuo de interação entre o historiador (sujeito) e seus fatos (objetos), assim como de um diálogo infindável e profícuo entre passado e presente. Logo, o que se espera do historiador não é apenas saber localizar fatos, mas saber interpretá-los, desvendando a dinâmica da realidade com seus desdobramentos. É neste sentido que se justifica como apropriada a compreensão da História enquanto experiência humana dotada de sentido.

Um autor constantemente citado será Pierre Lévy, sociólogo e historiador da ciência, atualmente seus trabalhos versam sobre a filosofia da cultura virtual. Em seu livro *Cibercultura* ele desenvolve os principais conceitos que nos ajudarão a compreender a dinâmica das relações construídas *on line* sob o ponto de vista sociocultural. Pensando o mundo de informações dispostos na grande rede, Lévy propõe o fim da pretensa oposição entre homem e máquina; seu grande questionamento diz respeito à relação sociedade e técnicas: o que é a técnica e como ela influencia os diferentes aspectos de nossa sociedade? Em que medida indivíduos ou projetos singulares conseguem alterar os usos e sentidos da técnica? É dele que extraímos a noção do universal sem totalidade: o crescimento do *ciberespaço* é acompanhado de sua universalização, inversamente proporcional a sua capacidade de se tornar totalizável.

Em recente defesa de monografia, Daniela Porfírio Borges ⁶ fomentou os debates acerca da *cibercultura*, apostando nas potencialidades de configuração do laço social, tomando como referência o contexto da pós-modernidade. Seu trabalho é mais um que se aventura em busca de novas temáticas associadas a questões de importância

⁶ BORGES, Daniela Porfírio. **Cibercultura, sociabilidade e tecnologia na pós-modernidade**. 2007. 70 f. Monografia (Graduação)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2007.

para a historiografia. Compartilho com ela as limitações que se poderão verificar, no sentido de dialogar nossos referenciais com um objeto pouco trabalho em nossa área.

Novos olhares. Múltiplas realidades. Conforme os espaços geográficos e sociais são remodelados, nossas concepções de realidade são questionadas: lembremo-nos de que se trata de uma construção humana interminável. O uso da comunicação mediada por computadores coloca outra efervescente discussão, a da virtualização. Efervescente e polêmica, pois questiona a autenticidade da vida moderna. Creio que o novo cenário ratifica um dos pressupostos da História Social: o de que constituímos a realidade, a ação do sujeito não está no simples fato de habitá-la, mas de produzi-la.

A virtualização é uma tendência da cibercultura, possibilitando que vários sistemas de proximidade e vários espaços práticos coexistam, reinventando a cartografia espacial. É importante que, num primeiro momento, entendamos o conceito. Lévy aponta três sentidos: 1) técnico: informática; 2) corrente: senso comum, irrealidade e 3) filosófico: dimensão da realidade, aquilo que está para ser atualizado.

É sobre este sentido que irei me debruçar mais detidamente e que utilizo para pensar as relações mediadas pelos suportes técnicos. Lévy propõe que:

Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois momentos diferentes da realidade.⁷

Logo, essa virtualização não pode ser pensada como mera passagem de uma realidade a um “conjunto de possíveis”, isso seria desrealização, nem tampouco como algo imaginário. Essas relações que ocorrem em ambientes virtuais, estabelecidas por nós, produzem efeitos: as ações conduzidas mediante mecanismos de virtualização são fatos sociais concretos, interferem no real (atual), não desaparecem do universo das ações sociais quando estes mecanismos são desligados ou quando nos desconectamos; eles continuam na mente dos interlocutores. A relação da *cibercultura* com o virtual dá-se de duas formas: direta e indireta. Diretamente, em função da digitalização das informações, onde os códigos, ilegíveis e inacessíveis, atualizam-se em textos, imagens e sons. E, indiretamente, com a virtualização da comunicação:

⁷ LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 47.

O *ciberespaço* encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral) chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e à distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum; e isto em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários.⁸

O telefone foi nossa primeira experiência de comunicação “virtual” em tempo real, tendo como suporte uma tecnologia interativa: por meio do contato de voz dois interlocutores podiam se comunicar⁹; serviu para fins de sociabilidade e manutenção de relacionamentos interpessoais, sobretudo, quando de sua inserção no ambiente doméstico (1920 em diante). O correio, assim como o telefone, também organiza relações recíprocas entre locutores – comunicação um-um e um-muitos – mas freqüentemente assíncrona, pois não ocorre em tempo real. Já o rádio e a TV são estruturados de acordo com o princípio um-muitos (mesmo que a comunicação dê-se em tempo real), neste sentido, um centro emissor envia mensagens a um número de receptores dispersos e quantitativamente significativo. O *ciberespaço* tornou possível um dispositivo comunicacional que ampliou os parâmetros vigentes da comunicação a distância, seja em tempo real ou não (síncrona ou assíncrona). Com a *Internet* o campo das interações virtuais foi ampliado, de modo que permite interagir individualmente ou em grupo, com pessoas conhecidas e desconhecidas, geograficamente próximas ou distantes. De fato, com o surgimento de ambientes virtuais, encontramos a possibilidade de explorar afinidades comuns mesmo nos casos em que ocorre uma migração do ambiente muitos-muitos para ambientes um-um, o que não ocorre de forma definitiva.

Mais que um meio, o *ciberespaço* é um espaço análogo¹⁰, uma extensão da realidade material e simbólica, de modo que muitos elementos que configuram o nosso cotidiano (*real life*) podem pertencer ao mundo virtual. Cabe aqui uma observação, a

⁸ Ibidem, p. 49.

⁹ Não podemos nos esquecer dos serviços de conferência através de vários usuários utilizando telefone; houve tempo em que eram comuns bate-papos por telefone (tele-amizade, disk-sexo, p. exemplo), mas os altos custos das tarifas impediram a popularização dos serviços.

¹⁰ A analogia justifica-se pela presença de sentimentos e ações próprias da sociabilidade tradicional. As interações *on line* também indicam encontros e desencontros, intrigas, decepções, frustração/superação de expectativas, revelações íntimas, cumplicidade, etc.

“realidade virtual” muitas vezes é remetida à idéia de simulação; esta se aplica para um tipo particular de simulação interativa, típica dos jogos eletrônicos em três dimensões: o explorador (usuário) vê-se imerso numa realidade (imagens e sons) descrita pela memória digital.

O *ciberespaço* como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, como horizonte de um mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável, também expressa as contradições de seus produtores e usuários, suas dificuldades em lidar com as possibilidades que se abrem. Essas dificuldades são facilmente identificadas, por exemplo, na forma como alguns usuários expõem o trânsito entre um espaço e outro, nos quais atuam como sujeitos; a estudante Elaine faz referência a uma ausência de comunicação, ressaltando o difícil movimento de transpor a barreira entre o *on line* e o *off line*:

Eu acho que as pessoas bem sucedidas nesse mundo são aquelas que conseguem perceber que ... que conseguem ser no mundo virtual aquilo que são no mundo real. **Você quer dizer: têm mais facilidade para transpor as barreiras entre o *on line* e o *off line*?** É sendo verdadeiras nesses dois momentos, tanto num quanto no outro, elas percebem que não existe uma separação, que é tudo a mesma coisa, enquanto que a maioria tá pensando ainda que existe uma separação e é dessa forma que eu vejo, é como se fosse um mundo a parte, por isso já não me é mais tão atraente porque a tendência em mentir é mais praticada, pois como não estão me vendo, não me conhecem, me sinto mais confortável pra mentir, pra criar algo e até mesmo para ser mais liberal, para eu não me cobrar tanto como eu cobraria num mundo onde eu estabeleço uma relação cara a cara com a pessoa. Aí, a partir do momento que a pessoa começa a exigir um contato maior, uma amizade real, eu me sinto desconfortável, porque eu sei que não conseguiria ser a mesma pessoa que sou na *Internet*, são duas pessoas diferentes: é como se meus amigos virtuais não pudessem ser meus amigos reais, eu não consigo estabelecer uma conexão entre os dois lados. A *Internet*, tipo, onde eu posso obter informação, onde eu possa conhecer outros lugares; por exemplo, eu quero viajar, então eu vou lá pesquiso aí eu vou, mas essa necessidade de conhecer o real, de tocar, eu não perco, porque a *Internet* não oferece essa possibilidade; se eu tenho vontade de conhecer a Itália, por exemplo, não me basta olhar a foto, eu preciso ir até lá, de ter contato com as pessoas de lá.¹¹

Essa questão é discutida pela professora Sherry Turkle do *Massachusetts Institut of Technology (MIT)*, em entrevista ao pesquisador do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ/Sorbone – Paris V) Frederico Casalegno, onde ela faz alguns

¹¹ Entrevista realizada em 30/04/2007 com a estudante Elaine. O texto negrito representa a intervenção da entrevistadora.

apontamentos sobre as novas formas de interação no *ciberespaço*. Questionada acerca da diferenciação entre o “dito real e o virtual”, ela aponta:

Acho que se comete um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual. Em outros termos, creio que enquanto os especialistas continuam falar do real e do virtual, as pessoas constroem uma vida na qual as fronteiras são cada vez mais permeáveis. Assim, não gosto de falar do real e do virtual, mas antes do virtual e do resto da vida. Não V-R, Vida Real, mas R-V, Resto da Vida, pois se as pessoas gastam tanto tempo e energia emocional no virtual por que falar do material como se fosse o único real? ¹²

A idéia de um mundo à parte expressa, sobremaneira, a necessidade de explorarmos ainda mais este campo, de procurar entender que tipo de comunicação as pessoas estão buscando e como estão negociando as significações. Estabelecer os critérios que determinam o que faz parte do “mundo *on*” e o que faz parte do “mundo *off*” é um exercício característico de cada usuário e denota seu grau de envolvimento com as questões digitais. A passagem para o universo *on line* explicita-se na consciência mesma de tomá-lo como uma espécie de duplo do espaço físico, no qual podemos entrar e sair, navegando nesse universo de intensidade, no qual essa nova forma de viver o tempo e o espaço apresenta-se de forma inexorável.

A monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro traz, como discussão central, apontamentos sobre as transformações na concepção de território e, a partir daí, a construção de novos espaços de sociabilidade, procurando identificar possíveis linhas que orientem o “navegar” pelo *ciberespaço*. O segundo capítulo aprofunda as discussões acerca das práticas dos usuários em termos de comunicação e construção de sentidos na dinâmica de comunidades virtuais e salas de bate-papo.

¹² CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: fronteira do real e do virtual. Revista **FAMECOS**. Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999.

Capítulo 1 – Redes e territórios

1.1. A difusão da *Internet* e a construção de novos espaços

Neste primeiro capítulo abordarei um aspecto que, dentre outros decorrentes, acredito ser relevante para a discussão proposta para o presente trabalho monográfico, qual seja, a de refletir sobre a perspectiva dos usuários entrevistados quanto à questão da sociabilidade construída na rede. Discutir o envolvimento das pessoas com o meio, com o *ciberespaço* obriga-nos a refazer um percurso sobre o espaço – *ciber* – que está em jogo, daí o título “Redes e territórios” apresentar-se mesmo como um questionamento oportuno: estamos a falar de um “lugar” específico? Como nos movimentamos neste *ciberespaço*? Como estabelecemos interações com os outros sujeitos? Fica evidente, portanto, o caráter introdutório deste trabalho, até mesmo por se tratar de um campo novo no contexto das pesquisas historiográficas.

Essas problematizações são importantes, pois nos ajudam a compreender o movimento da História na contemporaneidade, de modo a evidenciar o cenário construído, tendo como pano de fundo o desenvolvimento de novas tecnologias e os movimentos de apropriação dessas ferramentas por parte dos usuários. Utilizarei a categoria “usuário” como designativo das pessoas que utilizam a *Internet*, seja qual for a motivação – busca por informações, entretenimento, estudos, aquisição de bens/serviços; é um conceito genérico que não aponta, evidentemente, para uma caracterização homogênea dos diversos grupos que utilizam a grande rede.

Este estudo sinaliza para o fato de que o acesso ainda é restrito e de que as discussões são ainda muito polêmicas, atitude justificável, até porque estamos falando de transformações que afetam a relação do ser humano com a tecnologia e suas relações interpessoais. A *Internet* emerge, portanto, não apenas como meio de comunicação, mas como precursor de novos comportamentos e atitudes, quando computador e informática deixam de ser meras e exclusivas ferramentas de programadores que processavam o banco de dados das grandes empresas. Assistimos, na virada dos anos 1990, a um aprofundamento do uso social da rede, já iniciado quando setores de telecomunicações, cinema e televisão começaram a articular ao domínio da comunicação novos instrumentos de criação, simulação e organização. Como podemos visualizar isso? Uma relativa dependência de checar nossa caixa de mensagens (correio eletrônico), atitude

que pode ser repetida várias vezes ao dia por alguns usuários; a possibilidade de gerenciar atividades mesmo que à distância; um universo de oportunidades de consumo disponíveis na tela de nosso computador; e sem falar na quantidade de informações disponibilizadas (é claro que essa “abundância” e aparente facilidade de acessar informações deve ser relativizada, pois requer de nós usuários dispensar uma maior atenção no intuito de filtrar o que terá ou não validade para nossa busca).

As relações interpessoais estabelecidas através da Internet expressam aspectos socioculturais de uma nova realidade e exigem de nós novos olhares, de modo a caracterizar o “mundo virtual” ou “mundo *on line*”¹³ em seu status de contraposição ou prolongamento de nosso já familiar “mundo real”, ou seja, entender as possibilidades de socialização propiciadas pela rede na perspectiva da fuga ou da complementaridade. Desvencilhar-se dessa polarização é o grande exercício quando pensamos o desenvolvimento da comunicação mediada por computador, ou seja, compreender que existem aspectos positivos e negativos sem cair no equívoco do relativismo ingênuo. Mas o que se evidencia nessas relações é a exaltação de emoções e sentimentos vividos no cotidiano, seja nas telas dos programas de bate-papo, seja nas caixas de diálogo específicas para a escrita, basta observar que, principalmente, para os usuários que nasceram na era digital, é muito fácil fazer amigos pela rede, conhecer lugares por meio dos buscadores, desenvolver habilidades por meio de jogos e criação de páginas pessoais em *blogs*, *fotologs* e *sites* de relacionamento¹⁴.

Nos anos 1960 já estava sinalizado o forte potencial social da comunicação por meio das redes de computadores, mas foi somente no início dos anos 1980 que a comunicação informatizada, tão familiar para nós atualmente, emergiu como uma possibilidade não só econômica, mas cultural (as redes de universitários e pesquisadores, redes comerciais, correios eletrônicos, comunidades virtuais), principalmente, por trazer à tona novas discussões, novos problemas, enfim, novos

¹³ O conceito “virtual” será discutido em seção oportuna; de modo geral, podemos entendê-lo como consequência da comunicação mediada por computadores.

¹⁴ Um **weblog** ou **blog** é uma página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa. Já um **flog** (também **fotolog** ou **fotoblog**) é um registo publicado na Web com fotos colocadas em ordem cronológica, ou apenas inseridas pelo autor sem ordem, de forma parecida com um *blog*. Ainda pode-se colocar legendas retratando ou descrevendo os momentos registrados. É parecido com um *blog* mas a diferença é que predominam fotos ao invés de texto. Num *flog*, o principal objetivo é compartilhar imagens de maneira interativa, já que as pessoas que visitam o *site* geralmente podem fazer comentários, sugestões ou críticas.

objetos. Hoje, informática e *Internet* são realidades que ingressam no âmbito de práticas já existentes, renovando-as e modificando-as.

Foi nesse período que os computadores tornaram-se mais potentes e fáceis de utilizar. Cabe aqui uma ressalva quanto ao domínio no uso de computadores. A geração que atualmente se adapta facilmente à operação simultânea de vários equipamentos como celulares, *iPods*, aparelhos MP3/MP4, entre outros, já não consegue fazer uso dos primeiros sistemas operacionais utilizados, como o DOS. Se antes a formação em cursos profissionalizantes era obrigatória para se aprender o manuseio das máquinas, inclusive a digitação, hoje as crianças aprendem logo cedo a utilizá-las, seja em suas casas, nas escolas regulares ou com amigos.

Essas modificações na engenharia computacional contribuíram para o crescimento exponencial dos usuários da comunicação informatizada. Levando-se em conta que no Brasil a *Internet* dá seus primeiros passos em 1988, com as atividades controladas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pelo Laboratório Nacional de Computação Científica do Rio de Janeiro (LNCC), assistimos a avanços significativos no que diz respeito ao crescimento do número de usuários. Vejamos em termos estatísticos esse crescimento: em 1994, contabilizavam-se aproximadamente 20 milhões de pessoas conectadas; as previsões para o ano 2000 apontavam para 100 milhões; só no Brasil 14,49% dos domicílios já possuem acesso a *Internet*, segundo dados do Relatório TIC Domicílios – Usuários 2006, disponíveis no site do Comitê Gestor da Internet no Brasil ¹⁵. O instituto é responsável pela elaboração de indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade e uso da *Internet* no Brasil, divulgando análises e informações periódicas sobre o desenvolvimento da rede no país. Trata-se de uma pesquisa por amostragem na zona urbana com população a partir de 10 anos de idade. Os módulos avaliativos são variados, contemplando o acesso às tecnologias de comunicação e informação no domicílio; uso de computadores, local e frequência; uso da *Internet*; intenção de compra; habilidades com o computador; habilidades com a *Internet* e acesso sem fio. O *site* conta ainda com diversos *links* que dão acesso a publicações, atividades e palestras sobre a gestão da *Internet* no Brasil. Rede das redes, a *Internet* tornou-se símbolo do “grande meio heterogêneo e transfronteiriço” ¹⁶ do que se convencionou chamar *ciberespaço*; por meio das redes

¹⁵ Cf. www.cetic.br ou www.cg.org.br.

¹⁶ Lévy, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 12.

digitais, as pessoas constroem novas relações, desenvolvem projetos políticos, amizades e cooperações.

É evidente que essa cultura de rede, da qual fazemos parte, não está totalmente estabelecida pelo entendimento de que não é possível visualizar um processo fechado e acabado quando o que se está em jogo são os sentidos e significados que os homens conferem às suas ações. Logo, podemos afirmar que a forma e o conteúdo do *ciberespaço* ainda estão indeterminados. O desenvolvimento dos novos instrumentos de comunicação inscreve-se num cenário de grandes e constantes mudanças, de modo que acompanhá-las tem sido uma árdua tarefa – velocidade e imediatismo caracterizam, portanto, a *Internet* no sentido de intensificar os contatos e agilizar o intercâmbio de informações. Neste caso, as idéias de fluxo e de efemeridade aparecem articuladas nos discursos dos usuários. Se tomarmos como referência o período situado entre os séculos XVIII e XIX, onde a taxa de velocidade dos processos de organização da vida social era inferior, podemos perceber facilmente que o tempo de existência dos objetos, das paisagens e dos valores era maior. Hoje, ao contrário, encontramos um quadro que corresponde a uma noção de compressão do tempo e do espaço; a distância é percorrida instantaneamente, cuja velocidade corresponde à taxa de obsolescência dos objetos e dos fatos.

De modo geral, nossa sociedade vivencia processos permanentes e acelerados de transformações tecnológicas, de maneira que a velocidade das mesmas é uma constante da *cibercultura*. É interessante notar como uma nova configuração da vida social adquire sua dimensão cultural: a *cibercultura* agrega a dinâmica cultural do *ciberespaço*, a partir do comportamento, das idéias difundidas pelos usuários. A velocidade explica, de certa forma, a sensação de impacto, de exterioridade e de estranheza diante de uma gama crescente de dados colocados à nossa disposição sempre que abrimos uma janela do navegador. Todo este universo está ao alcance de um clique. A experiência do tempo, por vezes, pode revelar um desconforto em função de um presenteísmo que parece liquidar nossas antigas percepções temporais. Relacionar “tempo real” e “tempo virtual” também se apresenta como esforço necessário: o tempo real está condicionado pela organização da sociedade de modo que tenha começo, meio e fim, daí seu caráter restrito, ainda que resulte da interação dos homens; já o tempo da cultura virtual é permanentemente (re) definido pelo internauta a partir de suas

necessidades de interação, ou melhor, da sua disponibilidade pessoal e material ¹⁷, porém, aparentemente, com maior liberdade; aqui, o tempo não-linear propicia a sensação de personalização do tempo.

As experiências envolvidas nessa questão do desenvolvimento tecnológico, e porque não pensar também na atração do homem pelas máquinas, nos fazem pensar igualmente na sensação da intensidade: analisando as entrevistas, pude perceber que não há uma referência explícita e assumida quanto à dimensão da velocidade no campo das comunicações mediadas por computador, mas chamou-me a atenção a preocupação da segunda entrevistada, a estudante Elaine, quando ela aponta para essa sensação de estranhamento diante das transformações em curso:

...eu acho que a *Internet* é a representação máxima dessa pós-modernidade, onde tudo é perene, tudo passa e que você vai ali dá uma olhadinha e daí já se acha um grande conhecedor sobre alguma coisa, acho que a *Internet* traz um pouco disso. É claro que a nossa juventude ia se sentir atraída e ia tentar estabelecer todo tipo de vínculo. Eu, particularmente, acho meio perigoso essa relação da juventude com esse mundo, porque, por exemplo, no caso das informações elas não são de longe integrais, pois a cada minuto tem-se uma nova informação, elas vão passando por cima da outra, eles podem escolher o que vão olhar e o que não vão olhar. Então, acaba aprofundando e se tornando mais evidente essa perenidade, essa coisa da juventude que parece conhecer tudo mas não conhece nada (...).¹⁸

Elaine ressalta o excesso de informação em intervalos de tempo cada vez menores; embora, aos nossos olhos, ela se confunda ao utilizar o termo “perenidade”, pode-se observar que ela se remete à efemeridade, à permanente e acelerada transitoriedade dos processos. A sua fala é singular, no quadro das entrevistas, pois procura articular uma série de conceitos (pós-modernidade, conhecimento, vínculo) ao reconhecimento da juventude enquanto grupo dotado de representações e condicionamentos específicos, chamando a atenção para a especificidade de um discurso que caracterize essa juventude, nas suas particularidades, ressaltando o contexto em que esta se encontra inserida. Todos nós falamos de um lugar, logo, nosso discurso é socialmente construído. Ao orientar-se pela sua formação acadêmica, com

¹⁷ Digo disponibilidade material tendo em vista que a organização dos horários de muitos usuários atende a determinações específicas, como é o caso dos internautas que só dispõem de acesso discado, o que implica tarifações diferenciadas e dos que só têm acesso em espaços próprios para navegação e serviços de *Internet*, como, por exemplo, as *lan houses*, onde se cobra pelas horas de acesso.

¹⁸ Entrevista realizada em 30/04/2007 com a estudante Elaine.

uma ênfase em torno de questões vinculadas à educação de crianças e jovens, a estudante Elaine apresenta-nos novas proposições, questionamentos e um modo particular de olhar a sociedade, a partir de suas expectativas e interesses para com a rede, revelados nas entrevistas como sendo prioritariamente voltados para estudos e informação, ficando em segundo plano a busca por entretenimento.

Essa fala propõe-nos pensar a questão da intensidade mas, digo, do tempo na intensidade: isso é o que nos dá a noção de instantaneidade. É justamente essa efervescência que muitas vezes também dá o tom de caos ao universo *cibernético*, onde nos deparamos com inúmeros caminhos que sempre levarão a outros e assim sucessivamente. Assuntos que versam sobre os temas mais variados nunca estão isolados, a *Internet* está “mapeada” por *hiperlinks* ¹⁹, janelas sem fim. Retomemos a ressalva de Elaine, na entrevista:

pois a cada minuto tem-se uma nova informação, elas vão passando por cima da outra, eles podem escolher o que vão olhar e o que não vão olhar. Então, acaba aprofundando e se tornando mais evidente essa perenidade, essa coisa da juventude que parece conhecer tudo mas não conhece nada (...). ²⁰

A partir dessa ressalva podemos pensar a interferência, por exemplo, desse viver a velocidade na estruturação do pensamento, não é mesmo? O “ser-velocidade” apresenta-se quase como condição vital, vejamos a exigência do mercado por formação rápida por parte dos profissionais, a rapidez exigida nos mecanismos de distribuição de mercadorias, velocidade na taxa de transferência dos arquivos de nossos computadores, entre outras decorrências.

Até a comunicação passa a exigir respostas imediatas. Isso é facilmente verificado nas conversações *on-line*: as abreviações nas palavras, a substituição de palavras e expressões por símbolos e caracteres, as perguntas são sempre objetivas e diretas – as preliminares também são instantâneas. Observe abaixo, trechos de conversação *on line* obtidos em uma sala de bate-papo ²¹:

¹⁹ *Hiperlink* corresponde a referência num documento a outro documento ou recurso; atalho; caminho.

²⁰ Entrevista realizada em 30/04/2007 com a estudante Elaine.

²¹ Os dados apresentados foram obtidos durante observação no *Chat Terra*, canal de comunicação *on line* do provedor Terra, sala *Só Paquera*, no dia 30/12/2007, no horário entre 15:43:10 e 16:11:49, quando a conexão foi encerrada, sendo os diálogos gravados até às 15:46:34. A utilização do recuo padrão para uma citação não foi possível, pois o formato original é dado em tabelas.

Observando 15:43:10 **entra** na sala

tigre 15:43:20 **fala** com NATY [qual sua idade](#)

Tigre e Naty conversam sem acionar o dispositivo “reservado”, logo todos os usuários poderão ter acesso ao conteúdo do diálogo entre eles.

wesley 15:43:27 **fala** com >Gatinha [tenho sim](#)

A usuária >Gatinha está com o dispositivo “reservado” ativado. Observe, ao longo da conversação, que somente as falas de *wesley* estarão visíveis, tanto no seu diálogo com >Gatinha, quanto com a outra usuária com quem mantém contato, *novinha que arrasa*, veja mais abaixo.

 **aninhah** 15:43:28 **entra** na sala

 **taty** 15:43:32 **fala** com gatynho olhos verdes [tem msn?](#)

 **mary love.** 15:43:35 **entra** na sala

wesley 15:43:37 **fala** com >Gatinha [18](#)

 **NATY** 15:43:39 **fala** com **tigre** [18](#)

tigre 15:43:41 **fala** com NATY [qual sua idade gata](#)

 **Xarmozao** 15:43:42 **entra** na sala

 **tchuca mg** 15:43:49 **fala** com gatynho olhos verdes [tc de bh e vc](#)

 **gata gostosa** 15:44:00 **entra** na sala

 **NATY** 15:44:12 **fala** com **tigre** [E ASUA](#)

novinha que arrasa 15:44:18 **fala** com **wesley** [SIM MAIS EU QUERO O SEWU](#)

wesley 15:44:23 [o meu msn pato_lima_@hotmail.com](#)

 **tchuca mg** 15:44:23 **fala** com gatynho olhos verdes [vc tem msn vamos tc](#)

tchuca mg também estabelece “livremente” contato com mais de um usuário.

Xarmozao 15:44:29 **fala** com **aninhah** [oi gata](#)

 **soneca** 15:44:31 [nao tem muher ai nao meu ou não queren tc](#)

wesley 15:44:44 [hum legal gatinha vc tem msn ??](#)

mary love. 15:44:46 **fala** com **GABRIEL** [oi.....](#)

 tchuca mg 15:44:48 **fala** com soneca Oi
 taty 15:44:53 **fala** com gatynho olhos verdes ta add
 tigre 15:45:00 **fala** com NATY a minha e27um pouco velho
 Xarmozao 15:45:04 **fala** com aninhah ta afim de cair na minha rede
 novinha que arrasa 15:45:11 OI FILIPE VC TEM MSN
 gata gostosa 15:45:13 **sai** da sala
 Milinha 15:45:25 **entra** na sala
 wesley 15:45:25 **fala** com >Gatinha vc tem msn ??/
 tchuca mg 15:45:26 **fala** com gatynho olhos verdes kd vc
 GABRIEL 15:45:33 **fala** com Ynithame quero
 NATY 15:45:33 **fala** com tigre NEM TANTO
 tchuca mg 15:45:51 **fala** com gatynho olhos verdes me responde tem msn
 novinha que arrasa 15:46:02 OI DJO VC TEM MSN NEM
 tchuca mg 15:46:15 **fala** com gatynho olhos verdes vc morra ne qual bairro
 tigre 15:46:15 **fala** com NATY porque nem tanto vc gostou
 wesley 15:46:18 **fala** com >Gatinha hum me add la
 Milinha 15:46:31 Oláaaaaa
 NATY 15:46:34 **fala** com tigre sim

Com o intuito de preservar a originalidade dos discursos, os *nicknames* (apelidos) e as frases foram transcritas tais como apresentados na sala de bate-papo, mesmo que contivessem variações e incorreções ortográficas. A linguagem utilizada “afronta” os padrões da língua culta, ao propor reducionismos e novas codificações e aponta para uma outra problemática social que diz respeito à alfabetização. Sendo a *Internet* um espaço onde as pessoas podem expor suas idéias com mais liberdade e, em alguns casos, sem um controle, assistimos com frequência à difusão de erros e incoerências por toda parte. A importância desses símbolos na construção de “marcas”

ou “códigos” comunicacionais será discutida no próximo capítulo, pois está vinculada aos processos de elaboração de uma “identidade virtual” nos ambientes interativos. Neste momento da discussão, as figuras apresentadas permitem-nos pensar sobre os processos de criação acionados pelos usuários na tentativa de aprimorar e facilitar seu “trânsito” nestes ambientes e de se fazer compreendido em relação aos outros.

Na *Internet*, uma explanação maior pode até fazer com que os usuários sejam mal-interpretados, uma vez que as falas (mensagens) são enviadas de modo fragmentado, misturando-se à fala do outro interlocutor. Dada a possibilidade de estabelecermos diversos contatos, “abrindo” várias janelas, a velocidade torna-se um imperativo se quisermos atender a tempo as demandas. Caso contrário, as caixas de diálogo podem começar a tremer. Faço referência ao recurso “chamar a atenção” disponibilizado no canal *MSN Messenger*, que faz com que a tela da pessoa com a qual estou me comunicando trema e assim note que estou aguardando sua resposta ou atenção.

O *MSN* é um programa de comunicação instantânea entre usuários que possuem contas (*e-mails*) cadastradas no site www.hotmail.com. É muito popular entre os jovens e de fácil manuseio; apresenta várias opções de *emoticons* que facilitam, dinamizam e enriquecem criativamente a comunicação (esses *emoticons* são ícones capazes de transmitir expressões faciais e atitudes dos usuários.), fazendo uso de cores e referência a sentimentos e emoções cotidianas.

Figura 01 - Emoticons do *MSN Messenger*



Ainda pensando o aspecto da informação e seus excessos, é possível vislumbrar evidências de um grande embate: o analfabetismo digital (população que não possui acesso cotidiano às novas tecnologias, sobretudo, a *Internet*) x o não-aproveitamento de uma ferramenta tão poderosa por parte daqueles que têm acesso, tanto em termos de serviços, quanto comunicacionais ²². E, dada sua complexidade, trata-se de um fenômeno que merece uma discussão particular, não sendo, portanto, aprofundada neste trabalho. É um desafio a ser encarado, haja vista que a sociedade contemporânea já não dispõe de tempo para discutir o porquê da “infoexclusão” com os olhos no passado. Penso ser mais oportuno pensar ferramentas que possibilitem a integração: o espaço está se alterando e, longe de formarmos uma “aldeia global”, participamos quotidianamente na formação de inúmeras redes. O objetivo parece ser o de lutar para que sejam comunicáveis.

²² Sobre o analfabetismo digital, o professor Daniel Couto Gatti faz alguns apontamentos na obra *Sociedade informacional e analfabetismo digital: relações entre comunicação, computação e internet*, articulando os princípios provenientes da sua área de formação (computação) e os da comunicação e da semiótica. GATTI, Daniel. **Sociedade informacional e analfabetismo digital: relações entre comunicação, computação e internet**. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2005.

1.2. Novos espaços, novas simbologias

Beatriz Sarlo também fala das novas configurações em termos dos limites institucionais, ao discutir as transformações na relação público-privado, por meio da esfera midiática. É ela quem nos fala da necessidade de encararmos as transformações em curso como processos irreversíveis. Feitas algumas ressalvas pertinentes à construção de uma possível democracia eletrônica ²³, a autora atenta para a reorganização da dimensão simbólica do mundo social na contemporaneidade:

As transformações tecnológicas são irreversíveis por várias razões: em primeiro lugar, porque desencadeia, processos sociais e produtivos com um impacto material tão forte quanto o simbólico; em segundo lugar, porque as transformações tecnológicas concernentes à dimensão cultural produzem reformas não apenas técnicas, mas incorporam-se ao imaginário, convertidas em estilos culturais que se apresentam como a natureza dos discursos e das práticas de espacialidade e da temporalidade, produzem matrizes de atores, propõe o elenco dos gêneros públicos e privados. As transformações tecnológicas propõem os limites do possível formal que, uma vez instaurados, definem a dimensão simbólica do social. Elas são o motor dos sonhos coletivos, a forma dos desejos, o gênero dos discursos. Como tudo o que as sociedades produzem, são regidas pela possibilidade de mudança e pela obsolescência.²⁴

Neste sentido, Sarlo ratifica que, paralelo às transformações nas concepções espaço-temporais, ocorrem outras transformações que concernem à redefinição do espaço público e do espaço privado, pensamento este que vai ao encontro da perspectiva deste trabalho. Mas a percepção da autora em relação às transformações tecnológicas, mais no final do trecho, é muito forte. A impressão que se tem é de que ela confere uma significativa autonomia à entidade “tecnologia”, como se a distinção entre cultura (dinâmica das representações), a sociedade (os sujeitos, seus laços, suas relações de força) e a técnica (artefatos materiais e artificiais) não ultrapassasse a esfera conceitual.

²³ A autora aponta para o conflito instaurado entre democracia de opinião, característica da cultura midiática, e a democracia representativa: “A esfera pública eletrônica (...) Passou a ser também um lugar onde a opinião se contrapõe às instituições, disputando com elas a jurisdição para decidir sobre os conflitos que se transformam em públicos justamente para serem subtraídos das instituições (a justiça neste caso) que as acolhem.” SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 124.

²⁴ SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 129-130.

É importante que fique claro que as verdadeiras relações entre tecnologia e cultura não podem ser pensadas tomando a primeira como causa e a segunda como a parte que sofre os efeitos; as relações que nos interessam são as que ocorrem “...entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.”²⁵

Ao atentar para a equivalência entre impactos material e simbólico, decorrentes de “processos sociais e produtivos” engendrados a partir das transformações tecnológicas, Sarlo reafirma o que podemos identificar como a natureza da rede – orgânica, social e emergente. É reconhecer a ação dos diversos sujeitos na elaboração de novos patamares que permitam explicar a dinâmica social, através da relação entre sociedade, cultura e tecnologia, tendo como eixo norteador micro-totalidades em permanente construção.

A entrevistada Elaine, ao questionar anteriormente a relação entre juventude e novos meios de comunicação, traz para a discussão um aspecto apontado pela autora Beatriz Sarlo, o de que as tecnologias atuam como motores dos sonhos coletivos:

...eu acho que a *Internet* é a representação máxima dessa pós-modernidade, onde tudo é perene, tudo passa e que você vai ali dá uma olhadinha e daí já se acha um grande conhecedor sobre alguma coisa, acho que a *Internet* traz um pouco disso. É claro que a nossa juventude ia se sentir atraída e ia tentar estabelecer todo tipo de vínculo.²⁶

Entendo a *Internet* e os múltiplos espaços de interação como que construídos ininterruptamente por muitas e muitas vozes, como um emaranhado de intervenções subjetivas, mas até que ponto podemos mensurar essa caracterização das tecnologias como impulsionadora das ações humanas?

Nessa “corrida” no interior do espaço podemos observar novas configurações, comunicação e mobilização vinculadas a uma maior imediatividade; um constante ir e vir entre global e local; dificuldade inerente ao processo onde sujeitos estabelecem a conexão entre *on line* e *off line* de modo a caracterizar o espaço de interações, constituído e entrecortado por um movimento que Lévy qualifica como “novo nomadismo”:

²⁵ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 23.

²⁶ Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

Mexer-se não é mais se deslocar de um ponto a outro da superfície terrestre, mas atravessar universos de problemas, mundos vívidos, paisagens de sentidos. Essas derivas nas texturas da humanidade podem recortar as trajetórias balizadas dos circuitos de comunicação e de transporte, mas as navegações transversais, heterogêneas dos novos nômades exploram outro espaço. Somo imigrantes da subjetividade (...). As novas técnicas de comunicação por mundos virtuais põem em novas bases os problemas do laço social (...). o espaço do novo nomadismo não é o território geográfico, nem o das instituições ou o dos Estados, mas um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam em qualidades do ser, maneiras de constituir sociedade.²⁷

Essa nova proposta de deslocamento, longe de levar a um empobrecimento da experiência humana, parece ratificar a capacidade socialmente construída de reorganizar as proximidades e as distâncias (conceitos hoje muito relativizados). Nossa localização histórica revela-se neste exercício de identificar a topologia dos diversos espaços que ocupamos; enquanto sujeitos, passamos o nosso tempo a produzi-los, a transformá-los, separá-los, articulá-los. Não é à toa que a *Internet*, especificamente o *ciberespaço*, emerge como meio de proteção, segurança e abrigo, embora, contrariando essa perspectiva, possa também estar ligada à exposição das subjetividades, como veremos mais adiante. Lévy nos chama a atenção para o redimensionamento da questão do laço social e sobre este aspecto as opiniões/percepções são variadas, conforme pude observar nas entrevistas, como as de Bill, Elaine e Tiago:

Da minha casa eu posso falar com um amigo que está em outra cidade, em outro país, sem ter que gastar com telefone, que seria mais caro, e de forma imediata, no caso dos dois estarem *on line* evidentemente. Com a *internet* posso conhecer outras pessoas e com a vantagem de selecionar meus contatos.²⁸

...as próprias relações que eles têm na *internet* também é isso. Eles dizem ter um monte de amigos, mas, na verdade, não é bem assim, é claro que alguns vão em busca de efetivar esses encontros. Falo isso por mim. Um dia precisei ligar para uma amiga e eu não tinha o telefone dela, eu conversava com ela sempre por *e-mails*, *Orkut*, mas eu não tinha o telefone dela, então não tinha como eu me comunicar com ela, pois eu sabia que ela não estava na *internet*. Eu precisava falar com ela naquele momento, mas não tinha o telefone dela. Isso é amizade? Pra mim, não é (risos), você cria amizades às vezes tão longe e são às vezes amizades tão loucas, com pessoas tão diferentes.

²⁷ Lévy, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 15.

²⁸ Entrevista realizada com o usuário Bill, em 03/05/2007.

Então, vamos dizer: é produtivo isso? É. É enriquecedor? É. Mas também tem seus pontos negativos.²⁹

...as pessoas que usam a *internet* geralmente estão a fim de fazer novos amigos; essa idéia de pessoas isoladas, para mim, não existe e, em relação ao contato físico, falta tempo pra isso. Tem gente que prefere seu computador e seus amigos virtuais do que sair a noite para conversar.³⁰

O estar *on line*, mais que uma condição ou status, revela a determinação de um lugar, de tal modo que, nas falas desses entrevistados, essas categorias (*on line* e *off line*) parecem dotadas de atribuições específicas. A percepção de um duplo espaço, no sentido de que podemos entrar e sair, enfim, transitar, não chega a ser o principal problema em torno de conceitos como *ciberespaço*; mas como potencializar a discussão em torno dessas movimentações identificando o que levamos do nosso cotidiano (*off line*) para nossas relações *on line*?

Observemos que não existe unanimidade em conceber o *ciberespaço* sem críticas e sem adesões apaixonadas, até porque o que está em jogo é a definição de novos parâmetros que permitam pensar a sociabilização a partir de critérios que já não são mais exclusivos como outrora. Três pontos de vista que se cruzam e se confrontam. A questão da construção e manutenção do laço ficou bastante sublinhada nos trechos das entrevistas com os usuários Bill, Elaine e Tiago, quando pensam a respeito das “amizades” construídas em ambientes virtuais, nos momentos em que experimentam coletivamente novas formas de comunicação. Já foi apontada, anteriormente, uma breve “localização” dos elementos utilizados pela estudante Elaine na composição de seu discurso onde, muitas vezes, ela fala tendo como referência a experiência do outro, no caso, a juventude; mas no recorte acima ela apresenta o problema a partir de sua experiência, da sua vivência, destacando a dificuldade em articular à sua dinâmica social os componentes que ela domina ou procura dominar nos espaços de interação *on line*. Para o estudante Tiago, a extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural trouxe, de fato, boas possibilidades de interação; ele procura apresentar um discurso equilibrado, coerente com sua dinâmica social de trabalho e estudos e, por isso, aponta uma crítica à idéia de que a rede provocaria isolamento social. Na perspectiva de Bill, a grande motivação para o uso da rede é aumentar seu círculo social

²⁹ Entrevista realizada com a usuária Elaine, em 30/04/2007.

³⁰ Entrevista realizada com o usuário Tiago, em 28/05/2007.

com vistas ao entretenimento; observa-se uma preocupação com o quantitativo (fazer novos amigos) e o qualitativo (selecionar contatos).

O questionário aplicado, também como metodologia de trabalho, permite-nos vislumbrar essa preocupação. Quando levados a pensar sobre a questão do vínculo na rede, percebemos a concepção de que, para aquele grupo de usuários, as relações construídas, tendo como suporte a “grande rede”, são verdadeiramente dotadas de sentido. Dessa forma, há o reconhecimento de que o modo de se relacionar mudou com a emergência de novas ferramentas comunicacionais, mas não explicitam perspectivas de ruptura, como se as novas TIC’s (Tecnologias de Informação e Comunicação) fossem suplantarem os tradicionais padrões de sociabilidade desenvolvidos pela sociedade.

É nessas diferentes proposições que visualizamos o que Sarlo nos disse acima (*somos imigrantes da subjetividade*). O sentimento da amizade, por exemplo, antes construído sob as determinações da convivência (presencial), nas brincadeiras de infância, no ambiente de trabalho, na escola, na rua de casa, ganha agora mais um elemento potencializador. Portanto, não digo que esses antigos elementos já não fazem mais parte da realidade social do homem, eles, na verdade, vêm, ao longo do tempo, sendo reelaborados. Mas, com o desenvolvimento da comunicação mediada por computador, aprendemos a reelaborar também os múltiplos sentidos de uma amizade, ainda que inserida na dinâmica do *ciberespaço*. Logo, podemos visualizar na fala de cada interlocutor que práticas como as da amizade estão em permanente transformação. Para alguns, essas novas práticas são encaradas de forma mais positiva (conhecer mais pessoas e ampliar o círculo social), para outros, o termo amizade não tem aplicabilidade no campo das relações “virtuais”, este segmento é capaz de reconhecer que se trata de relações dotadas de sentido, mas numa perspectiva que fragmenta o campo de interações entre o “real” e o “virtual”.

Contrariando, portanto, uma concepção de território geográfico, cristalizada, e que até então parecia imutável, alicerçada na existência exclusiva do Estado e das limitações fronteiriças, Lévy propõe-nos o esforço de pensar nossas noções espaciais – o espaço concreto e o *ciberespaço* – sujeitos igualmente às sucessivas transformações, de tal modo que possamos compreender as novas e mais complexas problemáticas envolvidas nas formas com que a sociedade modela e organiza o espaço no qual se reproduz. O geógrafo Milton Santos, feitas as devidas adequações em termos de referenciais teóricos, já nos sinaliza há algum tempo para essa mudança de postura,

assumindo a existência de uma carga simbólica que também configura as espacialidades:

São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico.³¹

Na perspectiva de Santos, ciência e técnica, numa nova articulação, transformam nossa concepção de território, no sentido de que novas possibilidades de produção/circulação de produtos/serviços, de dinheiro, de idéias, de informação e dos homens, alteram a arquitetura da vida social. Lévy, neste sentido, enfatiza o que, segundo ele, assume maior importância ao se pensar as novas possibilidades em termos de sociabilidade a partir dos instrumentos comunicacionais colocados a nossa disposição: o desenvolvimento da inteligência coletiva no sentido de somar esforços para o bem comum: o compartilhar das experiências, a disponibilização do conhecimento, a instauração de uma nova linguagem que seja comunicação de fato, que liberte ao invés de dominar, de aprisionar. Respondendo àqueles que o consideram um grande otimista, ele propõe pensar a *Internet* não como solução para os problemas culturais e sociais do mundo, mas para aproveitar a abertura deste novo espaço com formas diferentes de comunicação, explorando as potencialidades mais positivas, seja no plano político, cultural e/ou humano.

O mundo está se tornando uma gigantesca rede de troca de informações e vislumbramos a possibilidade de que a tecnologia continuará a modificar os modos como percebemos, pensamos, interagimos e expressamos. Toda essa euforia conflita de fato com a realidade das sociedades contemporâneas, no que diz respeito às diferenças econômicas, culturais e sociais que caracterizam as diferentes regiões do país, mas acredito que os múltiplos exercícios empreendidos com este intuito, de modo a se pensar em projetos vinculados à coletividade, possam mostrar-se eficazes na ampliação do acesso, a partir do princípio de colaboração e compartilhamento de informações. A configuração de novas propostas de se relacionar com a alteridade é histórica, no sentido de que cada época e determinados sujeitos, de acordo com as configurações

³¹ SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Record, 2005, p. 21.

sociais, edificam modos característicos de especificar as relações estabelecidas com os outros.

Dialogando com o que já foi exposto anteriormente, retomando as transformações no modo de pensar a dinâmica espacial, podemos observar que, em “A viagem, o popular e o outro”, Ortiz também salienta como, no mundo moderno, a própria concepção de viagem transforma-se no sentido de abarcar as múltiplas discussões em torno da sociabilidade humana: a viagem, enquanto movimento, carrega consigo a heterogeneidade e a descontinuidade espacial;

...toda viagem é um deslocamento no espaço; entretanto, não se trata de um espaço qualquer. Ele possui uma peculiaridade: sua descontinuidade. Cada sítio, cada cultura, constitui um território particular. O viajante é um intermediário; ele coloca em comunicação lugares que se encontram separados pela distância e pelos hábitos culturais. Nada os interliga, a não ser o movimento da viagem (...) Diante da descontinuidade dos lugares, o viajante se comporta como alguém que aproxima unidades heterogêneas; seus itinerários interligam pontos desconexos. (...) Ele é fonte de experiência e de saber, permitindo-lhe interpretar sua posição originária, à luz da diversidade com qual entra em contato.³²

Este quadro reflete, sobremaneira, a explosão das metáforas geográficas - inexistência do lugar e do espaço, desvalorização do território, esvaziamento do tempo, entre tantas outras, chamando-nos a atenção para a preocupação em produzir, renovar e aperfeiçoar alguns conceitos que dêem conta dos novos padrões de organização da vida social, lembrando que em cada época, a partir de determinadas relações, os olhares e as experiências humanas recriam os conceitos. “As metáforas atingem a consciência, mas elas, de um modo geral, estão longe de fornecer os instrumentos de análise da realidade.”, segundo Milton Santos³³. Deste modo, a separação a que se referiu Renato Ortiz não pode ser senão a separação geográfica, no sentido de espaço físico, delimitado por fronteiras, haja vista a capacidade de conexão através da rede; o que pode ser visualizado a partir da vinculação dos usuários a grupos de interesses que, em primeira instância, possuem mais conotações locais (como exemplo, cito a formação de comunidades especializadas e localizadas – “escola X”, “amigos do fulano”) mas cuja visibilidade é ilimitada. Digo especializada por se tratar de grupos que se orientam

³² ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre mundialização. 2 ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000, p. 32.

³³ SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 156.

tendo em vista interesses/gostos em comum, e localizada porque sempre fazem referência a um lugar ou espaço.

Neste sentido, podemos observar que a própria idéia de região, aparentemente tão familiar a nós, transformou-se: não se trata mais de uma construção estável marcada pela longevidade, mas pela coerência funcional, condicionada pelas mudanças cada vez mais rápidas, de tal modo, que o lugar define-se como funcionalização do mundo e é por ele que o mundo é percebido empiricamente; o fato de atividades de trabalho e pessoais (ler *e-mails* e navegar por *sites* específicos) ocuparem a maior parcela de tempo nas conexões dá sinais dessa dinâmica. “Logar”, “conectar” e “acessar” são as metáforas comumente utilizadas para definir essa mobilidade planetária – ainda que virtual, ela transforma as práticas e as relações sociais.

O *ciberespaço*, enquanto prática de comunicação interativa, recíproca e comunitária, é perpassado por novas formas de expressão. A exteriorização da intimidade pode sinalizar para este movimento e dar mostras do jogo de exposição e simulação, conforme podemos observar na fala dos entrevistados, discussão que será aprofundada no próximo capítulo. O deslocamento (navegar) e o viajante (internauta) são representativos dessas mudanças na percepção e no estatuto da vida individual. O recurso às metáforas espaciais para caracterizar a mobilidade na rede reafirma a modificação do conceito de espacialidade: no *ciberespaço*, as pessoas interagem durante dias, semanas e até mesmo anos, independentes das mudanças geográficas que tenham lugar (físico) instituído.

As relações humanas produzem, transformam e gerem múltiplos espaços, espaços esses heterogêneos e entrelaçados, construídos, por exemplo, em uma mera conversa, onde cada interlocutor participa da elaboração de um novo espaço de significações, compreendendo as representações, as mensagens, projetos em comum; não nos esqueçamos do envolvimento emocional dos usuários. Destarte, não podemos afirmar que habitamos apenas um espaço físico: vivemos simultaneamente em espaços afetivos, sociais, históricos, e nunca é demais lembrar, intercambiáveis. O lúdico e o lazer articulam-se a formas mais intensas de construir uma relação, tendo como referência os meios de comunicação como instrumentos de simulação e como formas técnicas capazes de alterar o espaço-tempo.

A interferência desses meios na vida social acaba por modificar a percepção que as pessoas têm dessas duas esferas, o que pode ser observado na concretude de suas

práticas, vindo a constituir novas tendências na vida social: o *e-commerce*, o acesso ao conteúdo de diferentes mídias, a possibilidade de armazenamento de filmes e jogos eletrônicos. Fica evidente a tentativa de conduzir essas referências para os processos de sociabilidade na rede: a idéia de oferta e consumo na “definição”, por exemplo, de uma “identidade”, como veremos posteriormente.

As redes ³⁴ são um dos aspectos essenciais da constituição atual do espaço. Elas nos permitem fazer alguns apontamentos no sentido de compreender a dinâmica entre local e global uma vez que se pautam pela idéia de conexão em escala mundial ³⁵. Elas são globais porque, a princípio, apresentam-se como principal instrumento de unificação do planeta, e, ao mesmo tempo, são locais, uma vez que dotadas de uma estrutura técnica informacional que apreende fragmentos do que chamamos redes globais. Ou seja, o lugar participa de várias escalas de organização espacial (a esfera de trabalho e os princípios de cooperação podem ser emblemáticos para se compreender essa tendência local das redes).

Deste modo, o *ciberespaço* pode apresentar-se como fator de desconcentração e de deslocalização, mas isto não implica, como diria Lévy, na eliminação dos centros:

As redes de comunicação interativa nada mais são que ferramentas a serviço de uma política desse tipo. Se por um lado os instrumentos do ciberespaço naturalmente reforçam o poder dos ‘centros’, aos quais conferem a faculdade da ubiquidade, podem também suportar estratégias sutis para constituir grupos regionais como atores auto-organizados. ³⁶

Vejamos como um dos entrevistados expôs esse propósito de descentralização:

³⁴ A palavra REDE vem do latim *retis* (conjunto de fios entrelaçados) e passou ao longo do tempo por várias apropriações, de tal modo que hoje pensamos a rede como uma forma particular de organização, seja social, política, urbana e até mesmo técnica. A geógrafa Leila Christina Dias, pensando a formação do conceito moderno de rede, propõe: “A rede, como qualquer outra invenção humana, é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito da ação, mas expressa ou define a escala das ações sociais.” Cf. DIAS, Leila C. et alii (Orgs). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005, p. 22-23. Tendo, então, essa noção de entrelaçamento, podemos concluir que essas escalas não estão postas, ao contrário, são construídas ao longo dos processos. Deste modo, podemos vislumbrar a rede não como superfície plana, mas como linhas potenciais conectadas.

³⁵ Pensar a idéia de uma comunicação global é sempre problemático porque vivenciamos situações de exclusão social em diversas partes do mundo. Seria, se não um forte equívoco, ingenuidade pensar que a comunicação é global em toda sua extensão e que a interatividade propiciada pelos suportes técnico-comunicacionais seria a ferramenta que interligaria essas diversas regiões de forma pacífica; estamos falando de culturas, logo, os conflitos, a disputa, estão sempre presentes.

³⁶ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 191.

..quando eu crio uma comunidade da minha cidade, não se trata de uma ação exclusiva: outras pessoas de outras cidades também vão montar seu grupo, como também acontece de ter várias comunidades de um tema só.³⁷

Verifica-se, portanto, que, tal como as noções de tempo e espaço se alteraram, a lógica da identificação também se modifica: as novas possibilidades de interação que resultem em configuração de novos laços sociais acaba rompendo com o modelo tradicional de atribuições das identidades culturais a partir de novos entrelaçamentos entre local e global.

Bill parece demonstrar, como já foi assinalado anteriormente, que a inserção nessas redes ou, mais caracteristicamente, nesses grupos, dá-se tendo em vista uma interação que tenha como resultado a ampliação do seu círculo social mas sem estabelecer um posicionamento mais reflexivo acerca do assunto. Mais uma vez, podemos repensar a questão da visibilidade e a necessidade de formar grupos motivados por interesses comuns: a *cibercultura* possibilita a criação de relações sociais entre diferentes culturas, o que torna possível o surgimento de várias aldeias e não uma simples comunidade global; a *cibersocialidade* coloca o indivíduo em contato com instrumentos que o fazem interagir e exprimir suas manifestações.

A política a que se refere Lévy diz respeito à organização do território a partir da organização do laço social. Mas como pensar essas modificações nos laços sociais diante do embate entre território e *ciberespaço*? As diferenças entre essas duas esferas não dizem respeito apenas às suas propriedades físicas e topográficas. Enquanto o território é comumente definido pelos limites e pelo centro e é organizado por sistemas de proximidade, no *ciberespaço*, cada ponto (cada nó) é co-presente a qualquer outro e os deslocamentos podem ser feitos em tempo instantâneo. A qualidade dos processos sociais em jogo também é diferenciada: se nas instituições territoriais prevalece o princípio de hierarquia, as práticas dos *cibernautas* tendem à transversalidade e à fluidez das estruturas, dado o grau de informalidade (elemento capaz de estabelecer o sentido do pertencimento) e o grande número de contatos e a facilidade de passar de um para outro.

As redes sociais, características da *cibercultura*, são intencionais uma vez que os indivíduos ou grupos nelas inseridos estabelecem relações de modo a propiciar a

³⁷ Entrevista realizada com o usuário Bill, em 03/05/2007.

circulação de oportunidades, seja em termos de conhecer novas pessoas, buscar informações sobre lugares desconhecidos, aperfeiçoar conhecimentos já adquiridos, e seu alcance ultrapassa as fronteiras das redes presenciais, constituindo novos territórios configurados por movimentos de adesão política, cultural ou ideológica. Acredito, e isso pode ser compreendido através da análise das entrevistas realizadas para o presente trabalho, na percepção dos usuários de uma dialética entre o local e o global, entre o “real” e o “virtual” e, sobretudo, no exercício de transitar por estes espaços. Quando questionada acerca de seu posicionamento diante do “outro” que está do outro lado da tela, a estudante Elaine ressaltou este movimento constante de ir e vir:

...esse é o problema da internet, porque uma hora você tem que sair desse mundo, não tem? Então não é mais uma amizade virtual, porque você volta para o mundo real, você fica nessa, fica indo e voltando nesses dois mundos. Eu acho que as pessoas bem sucedidas nesse mundo são aquelas que conseguem perceber que ... que conseguem ser no mundo virtual aquilo que são no mundo real (...) Eu acho que não consigo passar por essas fronteiras, é como se não houvesse comunicação.³⁸

Nesta fala fica evidente um certo desconforto no sentido de que existe, para essa modalidade de comunicação e interação, uma divisão entre os que têm e os que não têm habilidade, mas, ao mesmo tempo, uma relativa segurança ao afirmar essa distinção em termos de realidade. Essa habilidade supera, em termos de complexidade, as habilidades técnicas exigidas para o manuseio de qualquer máquina ou equipamento. Estamos a falar de valores que vêm sendo modificados no contexto de uma nova lógica comunicacional que destaca o presenteísmo e a imagem, como elementos dotados de importância no modo como pensamos a questão do vínculo social. Logo, os exercícios de apropriação (dimensão técnica e subjetiva) explicitam-se na forma de utilização, aprendizagem e domínio, assim como também de desvios (ou seja, os usuários podem modificar a perspectiva do uso dessas ferramentas, interagindo e negociando de acordo com as novas práticas).

Não nos esqueçamos que a segurança da territorialidade não se dá somente a partir de uma base material: o território deve ser concebido como expressão de práticas e representações simbólicas e culturais. Daí a dificuldade de pensar, a meu ver, uma possível desterritorialização do espaço. Negando a ausência do lugar, percebemos que

³⁸ Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

novas configurações em torno da noção de território emergem de processos simultâneos de concentração, descentralização e conexões, incessantemente elaboradas pela geometria dos fluxos como se definisse uma geografia específica: ordem técnica e ordem social criam novas relações entre espaço e tempo.

1.3. Trilhas digitais

A *Internet* desempenha um papel fundamental neste processo de interconexão entre indivíduos e grupos que se encontram ou não fisicamente dispersos: ela expande as redes de interação social para fora das unidades políticas definidas *a priori* em função da organização do Estado moderno. Longe de pensar as redes sob um viés determinista ou evolucionista, cabe a nós identificar a potencialidade cognitiva da informática e dos demais recursos disponíveis, no sentido de se compreender por que as formas de representação social da rede tendem a ser representações do todo social. Na perspectiva do antropólogo Jayme Aranha Filho, a rede aparece, para muitos usuários, como metáfora da sociedade, abrangendo todo o seu universo de instituições sociais:

Assistimos assim a uma grande operação de transcrições de hábitos e instituições do mundo *off-line* para dentro do novo meio, a busca por metáforas orientadoras, organizadoras desse novo espaço topográfico (ciberespaço, virtual), com lugares (sites) onde estão reunidos as atrações e serviços, e vias de conexão (a INTERNET seria o esboço de uma *info-highway*, *info-bahn*), ‘caminhos’ pelos quais locomover-se entre os sítios. O processo pelo qual um usuário busca informações, serviços, parceiros sempre evoca o de um deslocamento, de um percurso – a navegação, o *surfing*, como se fosse o próprio sujeito que, mergulhado no circuito virtual, se movimentasse percorrendo a topografia da rede – ao invés de assistir estático aos pedaços do material circulante na rede desfilar a sua ‘janela’. Período de interação na rede tende a ser vivido como uma viagem: incorporação do sujeito num outro mundo, com lógica própria, que duplica o convencional, e que permite franca circulação por todos os seus meandros em esforço.³⁹

A atividade humana no *ciberespaço* explicita-se na habilidade para interagir, de modo que não se consegue vislumbrar uma “porta de entrada” principal e obrigatória para iniciar a “navegação”, a *Web* não apresenta rotas rigidamente definidas, mas alguns

³⁹ ARANHA FILHO, Jayme. **Tribos eletrônicas: usos e costumes.** Disponível em: <<http://www.alternex.com.br/%7Eesocius/t-jayme.html>>. Acesso em: 15 nov. 2005.

usuários conseguem desenvolver uma rotina de ações a serem realizadas durante o acesso, como é o caso do estudante Gabriel:

Como de costume, eu tenho uma rota a ser seguida quando acesso a internet. Por exemplo, primeiro acesso o meu *MSN*, onde posso responder àqueles e-mails que eu considerar importante, e excluir aqueles que não me interessam. Em seguida, acesso o meu *ORKUT*, onde eu faço o mesmo procedimento do *MSN*: responder e/ou excluir recados. Além dessa rotina, no orkut, eu acesso o orkut de conhecidos, comunidades, membros, etc, e também convido, aceito/rejeito convites. E, por último, acesso outros sites, seja por entretenimento (carros, música, esportes, etc), seja por pesquisa da faculdade ou outros assuntos relacionados à Administração (empresas, cotações, etc.).⁴⁰

Em seu trabalho monográfico, a socióloga Clarissa Castro aponta a inexistência de um padrão ou modelo estático que oriente a trajetória do usuário ao se conectar. Segundo ela ,

Conecta-se à rede por um provedor de acesso; a partir daí entra-se na mesma por qualquer *home page*, isso fica a escolha do usuário. Pode-se, por exemplo, iniciar a navegação pela home page do provedor de acesso do qual é cliente. Como existe uma variedade de provedores de acesso, existem inúmeras entradas na rede, o usuário da *Internet* escolhe seu ponto de partida. Qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro. Não existe um ponto fixo no qual nos estabelecemos, não há uma ordem pré-estabelecida.⁴¹

A multiplicidade de conexões disponibilizadas a partir de então rompe, de certa forma, com a noção de unidade, permitindo ao usuário “entrar” e “sair” de acordo com suas intenções. A leitura de *e-mails* , geralmente, aparece como a primeira atividade executada ao “logar”, de modo a liberar o internauta para outras atividades. No caso do usuário brasileiro, o uso da *Internet* como ferramenta de entretenimento é muito forte e as oportunidades são várias. Observem a página principal dos principais provedores de acesso (figuras 02, 03 e 04), eles são extremamente sugestivos e oferecem muitos caminhos.

⁴⁰ Entrevista realizada com o estudante Gabriel, em 19/10/2007.

⁴¹ CASTRO, Clarissa. **Ciberencontros**: o chat da internet como espaço virtual de convívio social. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/ccastro1.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2006. O termo *home page* é designado para nomear a primeira página ou a página principal de um *site*, tendo a função de diferenciá-la das outras páginas que compõem um *site*. A *home page* seria como a capa de uma revista. Na Internet, esse termo costuma funcionar como a página introdutória do *site* com explicações sobre o que será encontrado nas demais páginas do *site*.

Figura 02 – Portal Yahoo!Brasil – www.yahoo.com.br

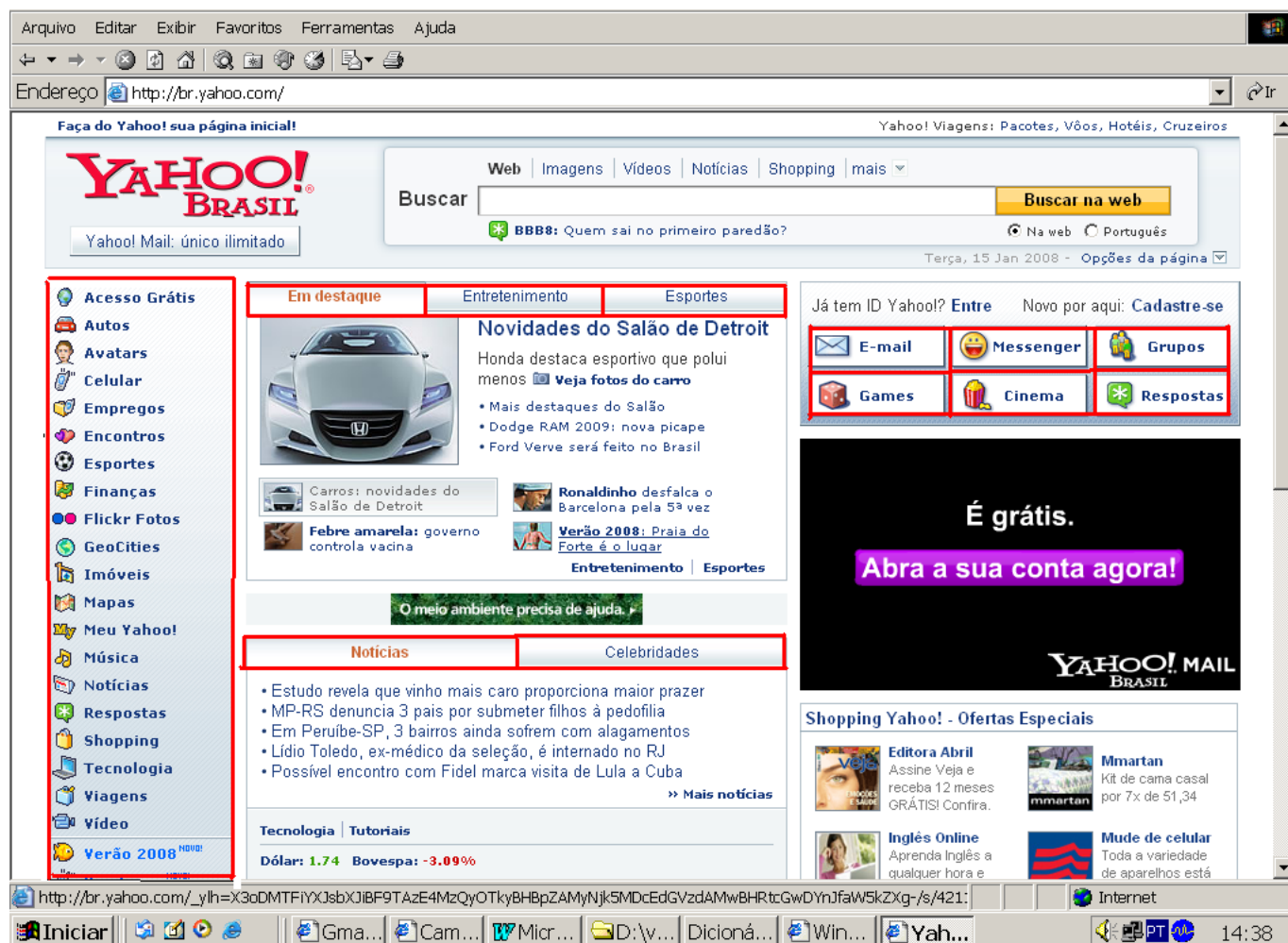


Figura 03 – Portal Terra – www.terra.com.br

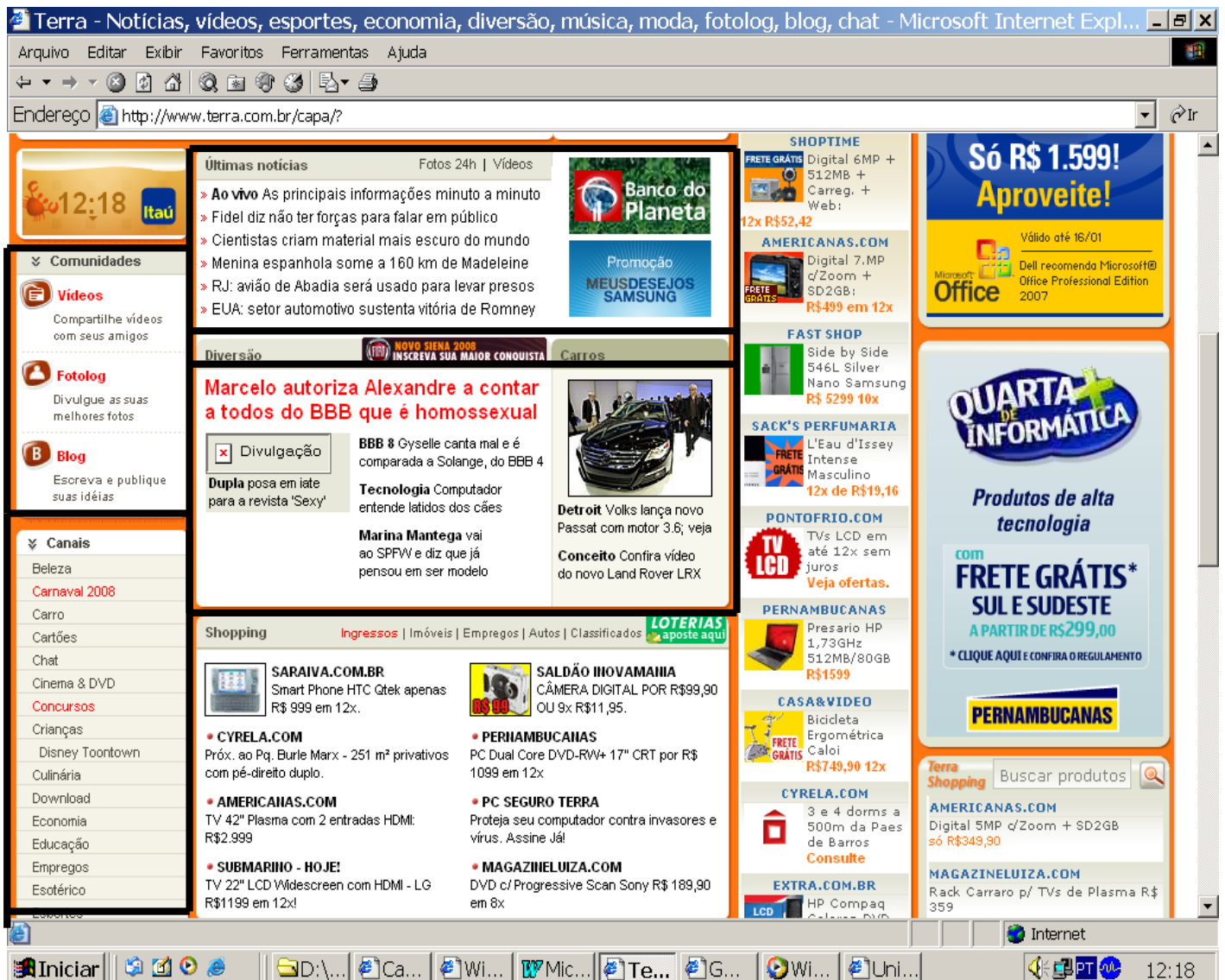


Figura 04 – Portal Uol – www.uol.com.br



Relacionemos o *layout* das páginas de três dos portais mais utilizados no Brasil com a colocação da autora Clarissa Castro. Nos três, observamos configurações semelhantes. Do lado esquerdo, vemos a chamada para seções de atrações, entretenimento, informação, e, do lado direito, um rol variado de serviços. No centro, as últimas notícias em termos de cotidiano, política, cultura e ciência. Por mais organizados, os ícones testam a atenção do usuário, despertando-o para diversos e distintos horizontes. Os provedores de acesso destinam alguns sítios exclusivamente para assinantes, mormente, a área de serviços e suporte, justamente por se tratar de serviços pagos. Nas salas de bate-papo do provedor de acesso *Terra* (www.terra.com.br), por exemplo, não ocorre a limitação por usuários assinantes e não-assinantes, como ocorre no provedor *UOL* (www.uol.com.br) que, por sinal, é mais popular e conta com um número significativo de salas; os internautas podem escolher conectar-se a grupos em função de idades, interesses e localidade. O *Yahoo!Brasil*, em contrapartida, conta com bastante popularidade em termos de serviços disponibilizados (caixa postal com capacidade de armazenagem de mensagens mais ampla, por exemplo) e visualmente parece ser a mais organizada.

De modo geral, a disposição das cores e imagens contribui para uma sensação de caos, já que por todo o *site*, em qualquer *homepage*, deparamo-nos com mensagens imperativas, no sentido de estimular o internauta a dispensar sempre mais tempo em conexão e consumo dos bens comercializados. Lévy afirma que o melhor guia para a *Web*⁴² é a própria *Web*. A *Internet* coloca-nos em contato com um território em expansão acelerada, de modo que muitas vezes nos é exigida paciência para explorá-lo, por isso o autor define duas atitudes de navegação:

A primeira é a caçada. Procuramos por uma informação precisa, que desejamos obter o mais rapidamente possível. A segunda é a pilhagem. Vagamente interessados por um assunto, mas prontos a nos desviar a qualquer instante de acordo com o clima do momento, não sabendo exatamente o que procuramos, mas acabando sempre por encontrar alguma coisa, derivamos de site em site, de link em link, recolhendo aqui e ali coisas de nosso interesse.⁴³

⁴² A *World Wide Web* (que significa "rede de alcance mundial", em inglês; também conhecida como *Web* e *WWW*) é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na *Internet*.

⁴³ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 85.

A primeira modalidade proposta, a “caçada”, pode ser exemplificada pelas buscas que realizamos a partir de sites como o *Google* (www.google.com), onde, diante de várias possibilidades, podemos filtrar os dados obtidos conforme nossos interesses, já que são oferecidos *links* (outros caminhos de acesso) que nos levam diretamente a outras referências. A “pilhagem”, por sua vez, é um vagar sem limites e enriquecedor, compreende o período em que buscamos entretenimento na rede, seja visitando museus, baixando músicas, pesquisando em bibliotecas virtuais ou acessando as comunidades de nossos amigos, como foi apontado nos questionários enviados por *e-mail*.

As redes, ao mesmo tempo em que implodem a concepção tradicional de espaço, instauram uma nova forma de percebê-lo e constituí-lo materialmente. Vale lembrar que essa “superação” não é prerrogativa da *Internet*: as interações virtuais não são geradas exclusivamente pelas tecnologias digitais, mais precisamente, nas relações mediadas por computador; a TV e o telefone, cada qual ao seu modo, são dois exemplos costumeiramente utilizados para assinalar grandes transformações socioculturais, abrindo espaço para novos comportamentos, novos hábitos e novas formas de se pensar a cultura de uma sociedade, em uma determinada temporalidade. A “mensagem de renovação” e, mais ainda, a idéia de que as novas tecnologias podem, por elas mesmas, transformar a vida das pessoas, numa visão determinista, não condiz com o contexto atual, onde não cabem teorias homogeneizadoras acerca das práticas sociais.

Capítulo 02 – Comunidades virtuais

2.1. A dinâmica de formação das comunidades virtuais

É interessante notar como, nos últimos anos, os trabalhos que têm se debruçado sobre as inovações tecnológicas têm migrado das potencialidades tecnológicas em si para os processos de interação entre os indivíduos, num contexto em que o imaginário, enquanto representação, aparece redimensionado como elemento configurador da vida cotidiana. No capítulo anterior ressaltamos que, com a emergência da *cibercultura*, o modo de estabelecer a socialidade transforma-se a partir de novos olhares para com as noções de tempo e espaço. Caberá a esta discussão que iniciamos apontar algumas reflexões sobre as diversas agregações sociais construídas na rede marcadas pela aparência, imagem e, por que não, sentimentos de afeto e emoção.

As comunidades ou “tribos” virtuais são caracterizadas pela fluidez, dispersão, mas também como passíveis de promover a interação social de forma estável e motivadas por interesses de afinidades que discutiremos ao longo do capítulo. De modo genérico, podemos definir as comunidades virtuais como sendo : “... agregações sociais que emergem na Internet quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente emoção, e que forma teias de relações pessoais no ciberespaço.”⁴⁴. Diante da dispersão geográfica dos sujeitos que interagem nessas comunidades, a adesão dá-se em torno de interesses comuns, por exemplo, comunidades que reúnem ex-alunos de uma escola ou turma, preferências musicais, posicionamento político-partidário, trabalho, hábitos e/ou manias.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) não determinam o aspecto da coesão e da construção do laço social, elas podem sim motivar e promover o convívio e uma maior aproximação entre as pessoas. E é neste sentido que, no panorama geral do estabelecimento geral de uma *cibercultura*, podemos pensar o ambiente virtual não como oposição ao “mundo real” / *off line* mas, como já afirmei em outros momentos deste trabalho, como um espaço onde ocorre a reprodução de muitos dos discursos que perpassam o cotidiano das “realidades concretas”. Ou seja, a *Internet* aqui representada pelos *chats*, pelas comunidades e salas de bate-papo, embora impregnada

⁴⁴ SILVA, Adelina M.P. Mundos reais, mundos virtuais: os jovens nas salas de chat. **Textos de la Cibersociedad**, n.06, 2005. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net>. acesso em: 02 nov.2005.

de idéias de liberdade total, também pode ser encarada como espaço discursivo, no qual os usuários em busca de diversão de toda sorte podem reproduzir os discursos da sociedade e reelaborá-los, a partir da negociação entre os diversos interesses e as múltiplas expectativas envolvidas.

As relações sociais construídas na rede também se estruturam a partir de concessões: a permanência dos contatos requer respeito ao “espaço” e aos interesses individuais; aí está a chave para a conquista de novos acessos e o fortalecimento dos já adquiridos. Essa nova cartografia dos processos comunicacionais, naquilo que nos permite apreender novos dimensionamentos acerca das práticas sociais, tendo como eixo a observação de *sites* como o *Orkut*, *chats* e as falas das pessoas entrevistadas, conduzirá a presente discussão. Antes de aprofundarmos em aspectos mais descritivos dessa reorganização da sociabilidade, observemos, no quadro ⁴⁵ que segue, como podemos configurar algumas diferenciações na forma de se conceber a noção de comunidade física e comunidade virtual, baseados em tipos, mecanismos de comunicação, atributos gerais, perfil dos membros, mensurabilidade e tempo de formação:

	Comunidade Física	Comunidade Virtual
Tipos	Podem ser identificadas umas variedades de tipos.	Normalmente baseados em interesses.
Mecanismos	Comunicação face-a-face; também pode ser a longa distância (telefone).	Comunicação não face-a-face, mas virtual – chat, e-mail, etc.
Características/Atributos	Barreiras geográficas e de tempo estão presentes. Possibilidade de comunicação um-para-um ou um-para-muitos. Utilização de riqueza de linguagem: voz, gestos, etc.	Não existem barreiras geográficas e nem de tempo. Comunicação muitos-para-muitos também é possível. Baseada em texto.
Perfil dos membros	Dependem da maneira como a comunidade é definida.	Normalmente mais abastados financeiramente, de um nível educacional mais elevado e com disponibilidade de tempo para despender na Internet.
Tamanho	Normalmente pequeno.	Pode ou não ser pequeno.
Tempo exigido para formação	Normalmente longo.	Normalmente rápido.

Acredito que essas diferenciações, longe de serem estáticas, são muito mais intercambiáveis, no sentido de que depende da ação social tomada em seu conjunto, ou seja, o homem constrói socialmente aquilo que define a vida em sociedade e isto

⁴⁵ SILVA, Adelina M.P. Mundos reais, mundos virtuais: os jovens nas salas de chat. Revista **Textos de la Cibersociedad**, n.06, 2005. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net>. acesso em: 02 nov.2005.

equivale a dizer coletivamente. Penso que tal como a comunidade física, a comunidade virtual também pode orientar-se pelas atividades econômicas, religiosas, intelectuais e de lazer e que dados como o tamanho da comunidade são por demais relativos. No entanto, quando pensamos em termos de mecanismos, o não-presencial revela oportunidades de interação que superam as barreiras de tempo e espaço que marcam a constituição das comunidades físicas tradicionais, muito mais presas a sentimentos de confiabilidade e de convivência cotidiana, presencial.

A pesquisadora Adelina Silva relativiza a proposição de um perfil sócioeconômico para os membros de uma comunidade física mas exagera na delimitação de um perfil para as comunidades virtuais. Levando-se em conta tratar-se de um artigo publicado no ano de 2005, o texto carece de algumas adequações. Já não podemos falar que o acesso a *Internet* é privilégio de classes sociais mais “abastadas”, com um “nível educacional mais elevado” e com maior disponibilidade para utilizar a *Internet*, ou seja, a “elite intelectual”. Por vezes, o que verificamos é uma “antipatia”, por parte desta “elite” para com os assuntos relacionados a grande rede, sendo o correio eletrônico a ferramenta mais utilizada, quando não a única. A explosão de pontos comerciais que oferecem serviços de acesso a *Internet* – *lan houses* e *cibercafé’s* – nos bairros populares, inclusive favelas nos grandes centros, dá mostras de que a proposição apontada no quadro não encontra respaldo na prática.

As comunidades *off line* (reais) e *on line* (virtuais) diferem-se quanto ao espaço onde ocorre a interação entre os indivíduos, mas ambas necessitam de elementos tais como a confiança, a identidade, os laços, de modo a responder às necessidades dos indivíduos. Mas, segundo o que podemos perceber na fala da estudante Elaine, nem sempre a *Internet* consegue cumprir esse propósito:

A *Internet*, tipo, onde eu posso obter informação, onde eu possa conhecer outros lugares ... Por exemplo: eu quero viajar, então eu vou lá, pesquiso, aí eu vou. Mas essa necessidade de conhecer o real, de tocar, eu não perco, porque a internet não oferece essa possibilidade; se eu tenho vontade de conhecer a Itália, por exemplo, não me basta olhar a foto eu preciso ir até lá, de ter contato com as pessoas de lá. ⁴⁶

Existe uma certa desconfiança em relação à contribuição da rede. De fato, para muitas pessoas, ainda que usuárias da rede, mostram-se numa posição de muita reserva.

⁴⁶ Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

Ainda assim, em suas experiências, virtual e real parecem negociar atributos e particularidades que se expressam na forma de propor uma articulação a partir delas mesmas enquanto sujeitos da constituição desses espaços. O discurso acima é bastante emblemático no sentido de expressar e enfatizar que as relações mediadas por computador não estão pondo fim ao desejo de ir além do monitor.

O *site* de relacionamento *Orkut* pode nos ajudar nesse exercício de compreender a transformação da sociabilidade, pois nele, os perfis individuais constituem o alicerce das comunidades criadas por tópicos de interesse. O *site* foi criado em janeiro de 2004 pelo engenheiro turco Orkut Buyukkokten e está vinculado ao *site Google*, um dos maiores buscadores da *Internet*. Apresenta uma interface estruturada com recursos que propiciam a elaboração de perfis e construção de comunidades, afinal o objetivo é utilizar a rede como forma de vínculo social. Segundo dados disponíveis no portal *Wikipédia* ⁴⁷, atualizados em agosto de 2007, o sistema conta com mais de 60 milhões de usuários cadastrados. A versão brasileira do *site* foi disponibilizada em 2005; o *site* de relacionamento é tão popular no Brasil que, do total apresentado acima, aproximadamente 55 % dos usuários declararam-se brasileiros. A motivação para se cadastrar na rede vai desde a conquista de novos amigos/encontrar antigos amigos à procura por contatos profissionais.

A estrutura da rede que permite o acesso de milhões de usuários de modo a não gerar falhas técnicas e operacionais constantes e a diversidade de ferramentas (páginas de depoimentos, mensagens, recados, álbum de fotos, vídeos, número de fãs, atribuição de grau de confiabilidade) disponíveis ao usuário para a construção do seu perfil explicam, de certa forma, essa popularidade. O perfil é dividido em três níveis:

- a) social: apresentação pessoal, interesses, preferências em termos de culinária, filmes, música, programas de tv, hábitos, estado civil, cidade onde mora, e-mail e telefone para contato (figura 05);
- b) profissional: estudos e carreiras (figura 06);
- c) pessoal: mecanismo que visa facilitar as relações interpessoais, por exemplo, que atributos você gostaria de encontrar em um possível parceiro (figura 07).

⁴⁷ www.wikipedia.org.

Figura 05 - Perfil Social

Clarice Alves
vaneska > ~♥~ Adalbianna > Clarice

recados 823 fotos 10 vídeos 0 fãs 102 confiável legal sexy

social profissional pessoal

relacionamento: solteiro(a)
interesses no orkut: amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais
quem sou eu: Verdade

Carlos Drummond de Andrade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade

Clarice Alves
feminino, solteiro(a)
Brasil

+ amigo

mais »

perfil
recados
fotos
vídeos

Figura 06 - Perfil Profissional

The image is a screenshot of a Facebook profile for a user named Clarice Alves. The profile is set to the 'Professional' tab, which is highlighted with a red box. The 'social' and 'pessoal' tabs are also visible and highlighted with blue boxes. The profile information includes a cover photo, a profile picture, and various statistics: 826 messages, 10 photos, 0 videos, 102 fans, and several badges (confiável, legal, sexy). The education section shows a Bachelor's degree in Education. The profession is listed as 'Professora' (Teacher) in the 'Científico' (Scientific) sector. The description of work is 'Leciono' (I teach). Interests include Education, History, Philosophy, and Transpersonal. The 'Depoimentos dela' (Testimonials from her) section shows a testimonial from Marcela. The right sidebar shows a list of friends, including Camila (228) and Victor.

Clarice Alves
vaneska > ~♥~ Adalbianna > Clarice

recados 826 fotos 10 vídeos 0 fãs 102 confiável legal sexy

social **profissional** pessoal

ensino: Diploma de Bacharel
profissão: Professora
setor: Científico
título: Professora.
descrição do trabalho: Leciono
interesses: Educação, História, Filosofia, Transpessoal.
profissionais:

Depoimentos dela

Marcela: A Clarice Com Carinho

amigos (254)

camila (228) Victor

l.s.r.@l.M... (198) SiMpLeS (46)

Figura 07 - Perfil Pessoal

The image shows a social media profile for 'Clarice Alves'. The profile is viewed through a navigation path: 'vaneska > ~♥~ Adalbianna > Clarice'. The profile has 823 messages, 10 photos, 0 videos, and 102 fans. It is tagged with 'confiável', 'legal', and 'sexy'. The 'Pessoal' tab is selected, showing a list of personal details. The left sidebar includes a profile picture, name, gender (feminino), marital status (solteiro(a)), location (Brasil), a '+ amigo' button, and links to 'perfil', 'recados', 'fotos', and 'vídeos'.

Clarice Alves
vaneska > ~♥~ Adalbianna > Clarice

recados 823 fotos 10 vídeos 0 fãs 102 confiável legal sexy

social **profissional** **pessoal**

par perfeito: ainda conheci não.
o que me atrai: luz de velas, flertar, inteligência, sarcasmo, aventura, tempestades
o que não suporto: arrogancia, ausencia de inteligencia
primeiro encontro: Amizade.
ideal: com os relacionamentos anteriores aprendi: Que feromônio passa sempre.
cinco coisas sem as quais não consigo viver: Livros, musica, amigos, óculos e trabalho.

Clarice Alves
feminino, solteiro(a)
Brasil

+ amigo

mais »

perfil
recados
fotos
vídeos

A *interface* gráfica é, sem dúvida estimulante e apelativa; através dos vários recursos os usuários ou membros das comunidades virtuais criam sua *ciberidentidade* e elaboram suas representações sociais de acordo com seus interesses e objetivos. Pode-se dizer que a troca de informações/dados ocorre via linguagem visual, dada a importância dispensada para os elementos visuais como cores, formato do *site*, ícones, imagens postadas e códigos da linguagem escrita. Nesta “vitrine” tudo ganha valor de exposição, sob o imperativo da visibilidade. Ao construir seu perfil, o usuário inicia um processo de adicionar amigos que já possuem seu perfil cadastrado, podendo ou não ser aceito.

Como a adesão não exclui a crítica, não posso negligenciar a constatação de que a participação nas comunidades de um *site* como o *Orkut*, por exemplo, é definida mais por um caráter nominal do que efetivamente prático. Observe a fala de Tiago quando perguntei sobre o número de comunidades das quais participava e como se dava sua interação:

São mais ou menos 13 comunidades. Participo por participar, mas não sou de ficar frequentando direto; é mais por identificação ao nome da comunidade. Participo geralmente de comunidades de música, tenho uma que adoro, que é a da Madona, entrei porque gosto da cantora; tem outra de *anime* porque gosto do desenho dos Cavaleiros do Zodíaco. Então, assim elas acabam traçando um perfil da gente a partir dos nossos gostos.⁴⁸

É possível apreender uma posição de frivolidade e superficialidade quando o entrevistado afirma “participar por participar”, mas ainda assim podemos perceber que existe uma motivação que é afetiva e, por isso, subjetiva, capaz de empreender uma configuração societal alternativa. O gosto por um grupo musical ou uma determinada arte, conjugada a valores como a aparência e a imagem, ressaltando aqui o predomínio de uma linguagem visual no caso da *Internet*, justifica para nós a possibilidade de se fazer parte de grupos sociais orientados por sistemas de afinidades. O conjunto das comunidades das quais o usuário faz parte acaba, como o próprio Tiago afirma, “traçando um perfil” do usuário a partir de seus anseios, do seu modo de encarar certas situações; vejamos, por exemplo, o nome de algumas comunidades das quais participa: *Vôlei*, *Seleção Feminina de Vôlei*, *Fernanda Venturini* para categoria Esportes; *Os Cavaleiros do Zodíaco*, *Clássicos do Cinema*, *Amo filmes com Julia Roberts*, *Uma linda mulher* para categoria Artes e Entretenimento.

⁴⁸ Entrevista on line realizada via *MSN* com o estudante Tiago, em 03/05/2007.

Adriana também faz a mesma ressalva:

Participo só de nome, tem algumas comunidades com as quais eu me identifico, que resolvi participar, mas eu nunca tive tempo para poder participar de um debate, nem para interagir com as pessoas que integram a comunidade.⁴⁹

Aqui, a lógica da identificação também prevalece, apesar da entrevistada Adriana ressaltar igualmente o pouco envolvimento no sentido de aprofundar possíveis laços com outros membros das comunidades; observa-se, contudo, que “o fazer parte” das comunidades configura-se como um elemento fundamental para a construção da imagem nessa grande rede. Não podemos negligenciar que existe um sentimento de inclusão apoiado na troca de informações, na construção de saberes, de apoio a convicções, de reconhecimento (medido pelo número de amigos, que podem testemunhar sobre o jeito, o caráter, as qualidades ou sobre situações engraçadas que vivenciaram).

Gabriel, nosso último entrevistado, aponta de forma positiva as mudanças possibilitadas com o desenvolvimento de novas formas de comunicação, articulando todas essas contribuições nos campos de entretenimento, informação e trabalho:

Com a correria do dia-a-dia, eu vejo na *Internet* uma vantagem significativa: manter de forma constante contatos com o meu *network* (rede de relacionamentos), que para mim é um verdadeiro patrimônio. Como por exemplo, posso "conversar" com contatos meus que moram em outros estados, que não vejo semanalmente e assim por diante. O *ORKUT*, por exemplo, me permite encontrar colegas da época da escola, do cursinho. Portanto, eu vejo que a internet vem a realizar a construção de laços sociais, permitindo que as amizades sejam mantidas apesar da distância física. Mas é claro que esse "laço social" não deve ficar somente no virtual, mas sim permitir que esse contato virtual se transforme em contato presencial, físico.⁵⁰

O Jornal *Folha de São Paulo*, de 09 de abril de 2007, trouxe no Caderno *Folha Teen* uma matéria ilustrativa das transformações nos padrões de sociabilidade, objeto deste estudo: “Os milionários do *Orkut*”. O termo milionário, imbuído da idéia de riqueza e poder, vem fazer referência à condição dos “bem relacionados” para com os donos das comunidades mais populares da *Internet*, popularidade esta medida pelo número de membros e por sua frequência de participações. A autora da matéria,

⁴⁹ Entrevista realizada com a usuária Adriana, em 29/04/2007.

⁵⁰ Entrevista realizada com o estudante Gabriel, em 19/10/2007.

Roberta Salomone, selecionou algumas das maiores e mais originais comunidades do *Orkut*, identificando por nome, data de criação e número de membros; esses dados foram organizados na seguinte tabela, onde se acrescentou o número de membros atualizados ⁵¹.

Nome da comunidade	Data de criação	Número de membros	Atualização dos números
Eu odeio acordar cedo	23/05/2004	3,6 milhões	3.916.534
Eu amo fim de semana	28/11/2004	2,6 milhões	2.905.243
Eu adoro dar risada	08/07/2004	2,1 milhões	2.343.686
Te incomodo? Que peena!	08/04/2005	2,1 milhões	2.352.334
Deus me disse: desce e arrasa	18/03/2006	1,8 milhão	2.026.483
Só mais cinco minutinhos	28/05/2004	1,6 milhão	1.774.808
Eu amo meu pai	30/07/2004	1,6 milhão	1.738.509
Mulher não se pega, conquista	29/08/2005	1,6 milhão	1.896.671
Eu amo batata frita	16/05/2004	1,6 milhão	1.335.171
Eu odeio gente que se acha	26/03/2005	1,5 milhão	1.648.707
Sou legal, não tô te dando mole	03/01/2005	1,4 milhão	1.550.430
Eu quero um amor pra vida toda	21/12/2004	1,3 milhão	1.614.226
Quero carinho	08/06/2004	1,1 milhão	1.348.712
Eu sou mais eu	16/08/2004	1,1 milhão	1.244.283

Declarações de afeto, modos de ser, aptidões, expectativas. Tudo pode criativamente fundamentar a criação de novas comunidades. Mas dentro de uma infinidade de comunidades já existentes, hábitos rotineiros ou um *hobby*, associados a estratégias de divulgação, ajudam a incrementar a popularidade. É interessante notar que este mesmo espaço fluido carrega algumas estruturas que condicionam os padrões de sociabilidade tradicionais, como, por exemplo, aspectos designativos de relações de poder. Nas comunidades virtuais, expressões como “dono” e “mediadores” são emblemáticas:

Carolina Meireles, 26, por exemplo, estava pensando para administrar ‘Deus me disse: desce e arrasa’ que reúne 1,8 milhão de membros que acham que não vieram ao mundo a passeio, e ‘Eu abro a geladeira para pensar’ com 1,1 milhão. A solução: Elegeu pessoas para servi-la única e exclusivamente. ⁵²

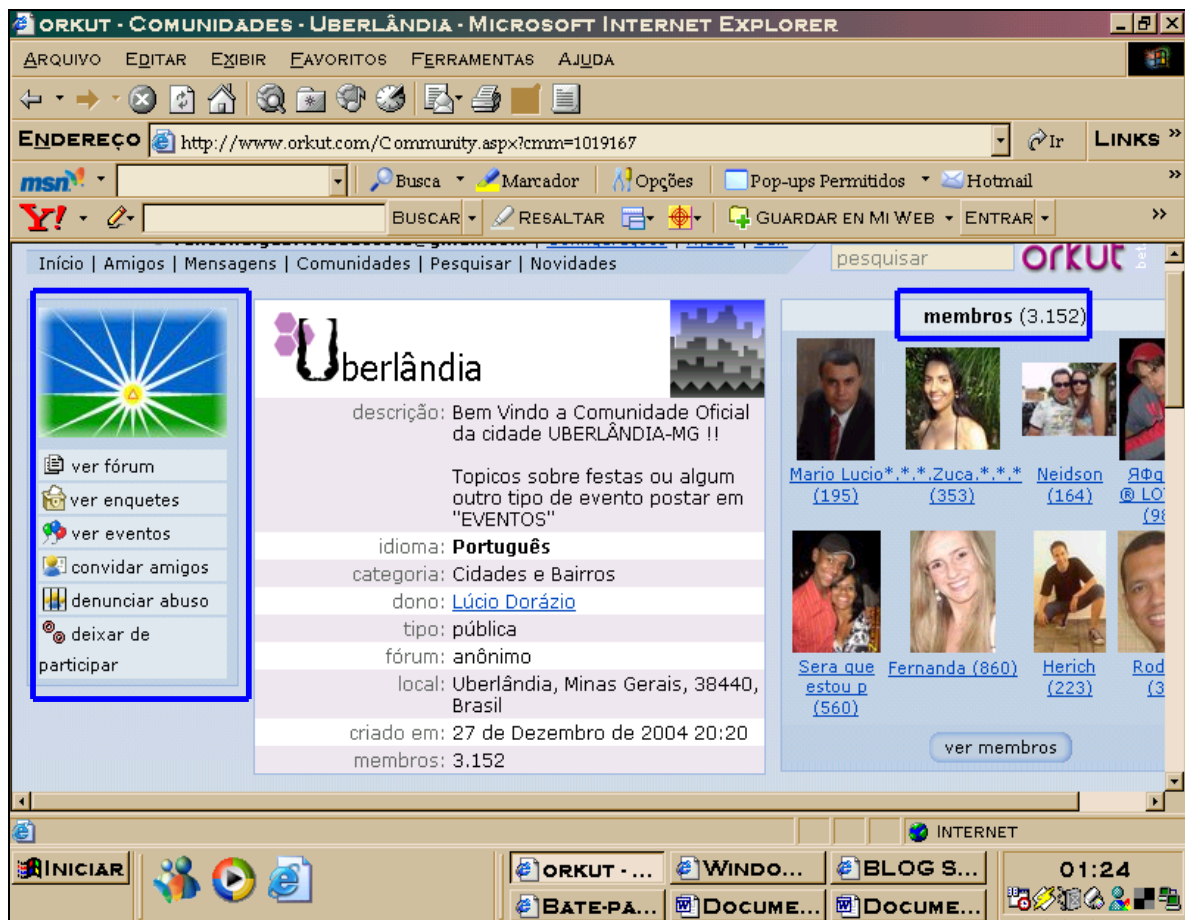
⁵¹ SALOMONE, Roberta (2007), Os milionários do *Orkut*. **Folha de São Paulo**, 09 abr. 2007, p. 06. Números atualizados entre 16 e 23 de junho de 2007.

⁵² SALOMONE, Roberta (2007), Os milionários do *Orkut*. **Folha de São Paulo**, 09 abr. 2007, p. 06

A manutenção dessas “microrredes” exige habilidades para atrair futuros membros e sanar os conflitos que podem porventura aparecer; lembremo-nos que no *ciberespaço* também são postulados alguns códigos que visam garantir o “equilíbrio e a harmonia” no ambiente, é a chamada “netiqueta”, conjunto de regras de conduta, de bom convívio, que, quando transgredido, resulta na exclusão do membro. O dono da comunidade é (são) o(s) seu(s) criador(es); cabe a ele autorizar qualquer modificação na estrutura da comunidade (objetivos, regras, formas de participação dos membros). Os mediadores são membros que auxiliam na organização das comunidades, controlam a adesão de novos participantes, mas não têm o poder de expulsar usuários (prerrogativa do dono); são escolhidos pelo dono, pois na maioria das vezes são amigos pessoais, com uma convivência *off line* já estabelecida, mas, em algumas situações, é possível abrir possibilidade para que qualquer membro torne-se um mediador, por meio de chamadas no campo de tópicos da comunidade. A exigência é disponibilidade de tempo para monitorar todo o acesso, toda a movimentação dos membros pelos fóruns e pelas enquetes da comunidade, assim como a postagem de recados, de modo a não permitir ofensas pessoais, discriminação, situações de preconceito e pedofilia. No entanto, nem todas as comunidades possuem um controle sistemático e eficaz.

A *interface* gráfica de todo *site* tem a função de cativar o navegante, por isso, no caso das comunidades do *Orkut*, cada uma tem uma ilustração que caracteriza seu objeto; conta ainda com recursos como fóruns, enquetes e registros de eventos. Vejamos a figura abaixo (figura 08) que apresenta uma comunidade inserida na categoria “Cidades e Bairros”.

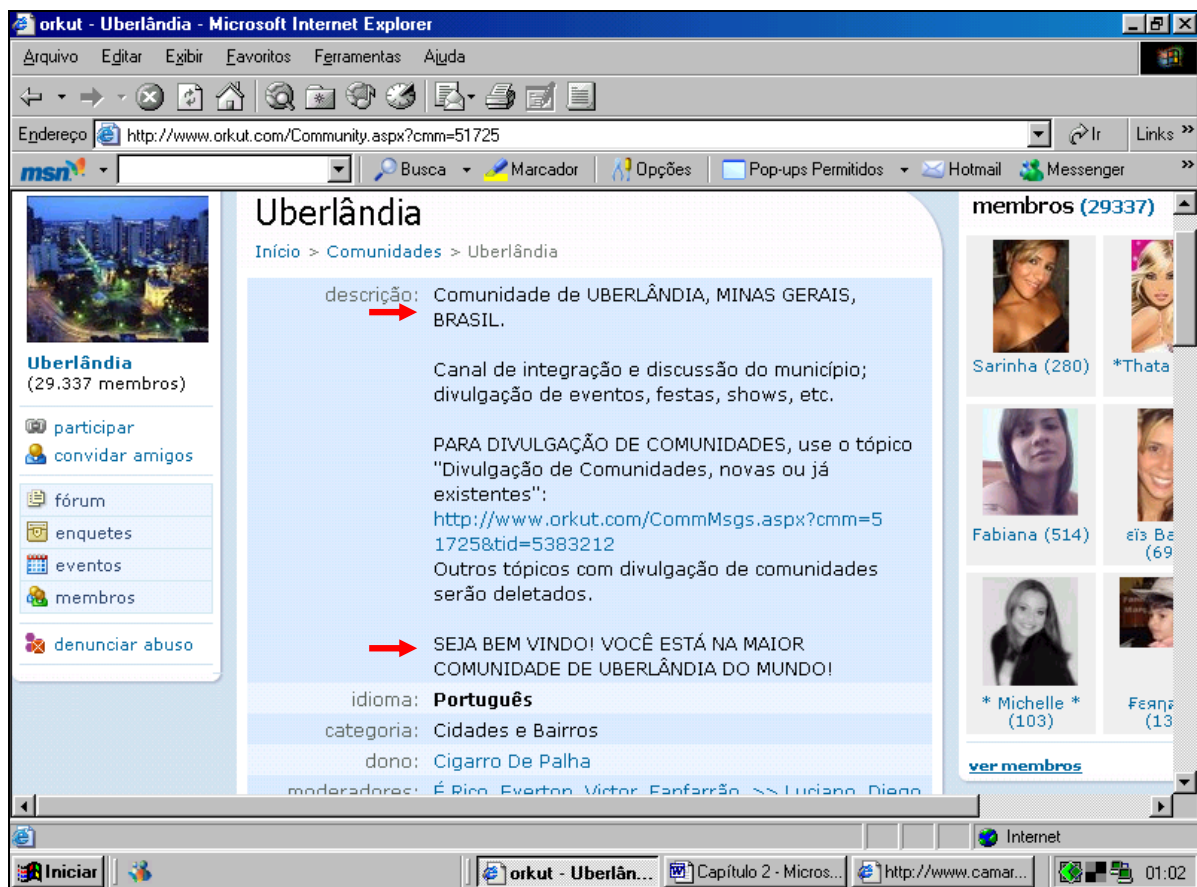
Figura 08 - Comunidade “Uberlândia”



Trata-se de uma agregação que procura reunir moradores da cidade de Uberlândia, contando com 3.152 membros (até o momento da observação). A adesão também se justifica pelo fato de se trabalhar na cidade, por já ter residido na mesma ou simplesmente por gostar da cidade. Seu dono propõe ser a comunidade oficial da cidade, mas este caráter de oficialidade é bastante relativo porque não se trata ao menos da primeira comunidade formada com o intuito de reunir uberlandenses. A bandeira do município é utilizada como a imagem designativa da comunidade, aparece como o símbolo maior para uma comunidade que homenageia a cidade. Dado seu caráter público, a possibilidade de se utilizar a comunidade como um portal de divulgação de festas e eventos exige um espaço à parte, de modo a não ocupar o espaço reservado aos tópicos de discussão, lugar privilegiado para a interatividade, onde os membros podem se comunicar. Cada membro pode escolher a melhor forma de se apresentar, postando fotos pessoais e imagens, respeitando os limites impostos pelo próprio *site* (alusão a pedofilia, racismo, preconceito, pessoas famosas, etc). A apresentação é constituída pela foto ou imagem, nome ou frase e, logo abaixo, aparece o número de “amigos” do usuário entre parênteses.

Realizando outras consultas no *Orkut*, podemos encontrar outras comunidades afins. A primeira comunidade, na categoria Cidades e Bairros, voltada para Uberlândia, data de 02 de maio de 2004 e conta com 29.337 perfis registrados.

Figura 09 – A primeira comunidade registrada referente a cidade Uberlândia



Aqui, a imagem escolhida reporta ao “espírito” da grande cidade, marcada por grandes prédios, enfim, uma cidade dinâmica. Enfatiza-se a vinculação da cidade (local) a outras esferas como o Estado, o País, o mundo, como pode ser visto na descrição “Comunidade de UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS, BRASIL” e na frase de recepção “SEJA BEM VINDO! VOCÊ ESTÁ NA MAIOR COMUNIDADE DE UBERLÂNDIA DO MUNDO!” A forma de apresentação dos membros é semelhante e a “preocupação” em preservar o espaço de discussão separado da divulgação de festas e eventos também fica evidente.

Cada comunidade apresenta outras “comunidades relacionadas” (figura 10), principalmente, aquelas que fazem menção a bairros do município ou a lugares/estabelecimentos freqüentados pela população. Em uma das comunidades voltadas para a cidade de Uberlândia podemos encontrar comunidades relacionadas, bastante variadas em termos de interesses, observe no lado direito da tela na figura 03: *Arte na Praça e Circuito Cultural* ligadas a eventos culturais realizados na cidade; *Basquete UNITRI/U.E.C.* e *Uberlândia Esporte Clube* vinculados a torcedores de times esportivos.

Figura 10 - Exemplos de Comunidades Relacionadas

orkut - Uberlândia - Microsoft Internet Explorer

Endereço: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=51725>

moderadores: E Rito, Everton, Victor, Fátima, >> Luciano, Diego, Guilherme, A1000ton, Mário, Euclides

tipo: moderada

fórum: não-anônimo

local: Brasil

criado em: 2 de maio de 2004 23:20

membros: 29.337

fórum

tópico	postagens	última postagem
Polícias contra pirataria	132	31/10/07
Montagem que fiz do são paulo	30	31/10/07
As 30 maiores frotas de veículos de Minas Gerais	44	31/10/07
carnabrahma - quem vai?	17	31/10/07
COPA 2014 - UDIA PODE SEDIAR????	19	31/10/07

[ver todos os tópicos](#) [novo tópico](#)

comunidades relacionadas

- Flash Mob Uberlândia (27)
- Arte na Praça (851)
- Bandas de Uberlândia (530)
- Jambolada (799)
- Basquete UNITRI/Uberlândia E.C (2.785)
- UFU - Univ. Fed. de Uberlândia (9.835)
- Circuito Cultural
- SURF na RONDON - RONDON PACHECO
- Uberlândia Esporte Clube

Ao “entrar” em qualquer uma das comunidades relacionadas, observaremos estruturas semelhantes em termos de configurações gráficas. A apresentação é constituída de foto ou imagem, título e abaixo (entre parênteses) o número de membros que pertencem à comunidade. Elas, na verdade, constituem outros tantos nós (*links*) que interligarão um número cada vez maior de pessoas nessa grande rede. Os “fóruns”, presentes em qualquer comunidade, comportam a manifestação dos membros. Na primeira página da comunidade visualizamos uma média de cinco tópicos, onde a ordem é definida pela data (do mais recente para o mais antigo), onde também fica assinalado o número de postagem, ou seja, quantas vezes o assunto foi comentado e/ou discutido.

Olhando o aspecto visual é quase impossível não pensar em interação, não é mesmo? O apelo visual tende a responder a imperativos de valores, gostos, interesses comuns e formas de consumo (seja de informações, seja de produtos/serviços) que delimitem um território simbólico, permeado também por conflitos e partilhas próprias de uma comunidade, é o que assinala o professor Janotti Júnior, da área de comunicação e cultura contemporânea, ao refletir sobre os grupamentos contemporâneos a partir da noção de “comunidades de sentido”:

Os territórios das Comunidades de Sentido seriam, antes de tudo, territórios simbólicos que possibilitam a manifestação de sentidos presentes na produção discursiva das culturas midiáticas. Dessa forma, se não se partilha o território físico, continua-se a partilhar imagens, vestuários, posicionamentos corporais, valores presentes nos objetos culturais que fundem esses territórios simbólicos, possibilitando aos membros dessas comunidades reconhecerem-se dentro desse território, independente das fronteiras geográficas tradicionais. Isso não significa que os membros dessas comunidades perderam seus traços locais e, sim, que os patamares, em que as comunicações entre seus membros se estabelecem, são aquelas que resumem os traços comuns a todas comunidades em níveis globais. Por isso, é possível falar em comunidades de roqueiros, grafiteiros, skatistas, etc (...).⁵³

As relações sociais aí desenvolvidas, não dependendo exclusivamente do contato físico direto, não estão limitadas para a construção dos sentidos. As comunidades virtuais realizam esse movimento: o conjunto imagético de sua representação revelam esse compartilhar de hábitos e afetividades próprias do cotidiano desses indivíduos.

⁵³ JANOTTI JR. Jeder Silveira. **Da lama ao caos, do caos à lama: algumas propostas para a análise das comunidades e grupamentos contemporâneos**. Disponível em: www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und. Acesso em: Jun.2006.

Para alguns, prevalece a idéia de que estes espaços correspondem à necessidade de muitos em vasculhar a vida de outras pessoas, ver fotos da vida pessoal, os recados postados, enfim, esse exercício é comum e todos estão sujeitos a ter seu *Orkut* “invadido”, mesmo sendo uma invasão consentida. Existe uma informalidade no trato, que cria a idéia de que todos são de fato partes de um todo, partes conectadas que compartilham a banalidade da vida⁵⁴ - a informalidade e as saudações caracterizam o grupo como comunidade. Para Lévy, as comunidades virtuais são um dos princípios que orientaram o crescimento do *ciberespaço*:

O segundo princípio da *cibercultura* obviamente prolonga o primeiro, já que o desenvolvimento das comunidades virtuais apóia-se na interconexão. Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimento, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Para aqueles que não a praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desapareceram no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional.⁵⁵

Ao falar da força da interconexão, Lévy aponta para o fato dos membros das comunidades aparecerem como conexões diretas e indiretas nessa grande rede, os usuários são como conectores de rede no sentido de que podem ser compreendidos como nós interligados a outros nós (cada internauta é um nó e a ele vários nós se ligam e assim sucessivamente). Observando a interação que ocorre no interior das comunidades ou nos perfis de cada usuário do *Orkut*, por exemplo, podemos compreender que, longe de pobres e austeros, os laços sociais podem se fortalecer, assim como formas de solidariedade, de cooperação, de afetividade, espaços de encontro; lembremos dos espaços de discussão e dos espaços de divulgação de eventos nas comunidades da cidade de Uberlândia (figuras 08, 09 e 10); não estamos, com isso, deixando de fora as possibilidades de exclusão, segredos e ataques.

Negociar com essa função de complementaridade, a partir da comunicação mediada por computadores, é a chave para se entender o engendramento das novas

⁵⁴ Digo banalidade porque as pessoas não buscam histórias com grandes enredos, mas visualizar o comum na vida do outro.

⁵⁵ LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 127-128.

formas de sociabilidade. Na entrevista realizada com a internauta Adriana, podemos perceber a dificuldade em articular as motivações que perpassam o cotidiano e que interferem no modo de agirmos nos ambientes virtuais. Isso fica claro quando ela afirma a situação de dependência em função da “atração” despertada pelas TIC’s (Tecnologias de Informação e Comunicação). Ao ser perguntada sobre a dimensão “negativa” da comunicação mediada por computador, visto que ela explicitou prejuízos em termos de dar continuidade às amizades que ela possuía, Adriana respondeu:

...às vezes a gente conhecia uma pessoa diferente do comum que a gente encontra assim ... custava chegar a hora de entrar na *Internet* pra ver se aquela pessoa tava *on line*, se passava um tempo, não queria sair porque não queria perder o contato. Então, nessa situação eu acho que foi negativa porque não foi uma contribuição pra vida social, mas um fator que ajudou a diminuir esse contato, a manter ele só pela *Internet* de acordo com o que os outros falam (...).⁵⁶

É importante ressaltar que a “migração” de um contato *on line* para o cotidiano (vida *off line*) não ocorrerá obrigatoriamente. Não é uma regra estanque. Existem pessoas que teclam por anos sem se conhecerem pessoalmente. É o envolvimento, a afetividade e o interesse (qual o meu objetivo ao me propor interagir com outras pessoas) que definirão a potencialização do encontro. Igualmente importante é pensar qual sentido é construído nessas interações, de modo que tenham valor para quem as praticam, para que possam ser relações que enriqueçam a dinâmica social.

A criação de perfis no site *Orkut* permite ao usuário representar um papel: é através deste perfil que o internauta exibe ou apresenta um determinado “status” dentro da rede. Isso nos chama a atenção para o fato de que nem sempre o perfil construído será fiel à realidade *off line* do internauta, logo, podemos nos deparar com perfis realistas, fantasiosos ou um misto em torno de muitas expectativas. O ponto crítico das discussões acerca das experiências comunicacionais *on line* diz respeito à definição dos limites entre o que alguns poderiam chamar de realidade e virtualidade das representações, das identidades e dos vínculos construídos na rede. É quase como perguntar onde começa o “virtual” e onde termina o “real” na busca dessa interatividade, sempre que nos conectamos, sempre que esperamos pelo correio eletrônico, sempre que desenvolvo minha afetividade para com alguém que ainda não

⁵⁶ Entrevista realizada com a usuária Adriana Mota, em 29/04/2007.

conheço pessoalmente. Toda essa percepção afeta o modo como penso o meu ser e o ser do outro, como defino a mim mesmo nesse exercício constante de construir minha identidade; é o exercício de tentar identificar de que maneira busco me situar socialmente.

2.2. Salas de bate-papo: boêmia virtual, aceitação e popularidade

Os *chats* da *Internet*, popularizados nas “salas” de bate-papo são ferramentas que, inseridas no contexto da cultura de rede, produzem um tipo particular de comunicação. Atraindo um número cada vez maior de internautas, os bate-papos *on line* resignificam microfenômenos cristalizados nas pequenas e mais singulares formas de estabelecer a sociabilidade em nosso cotidiano, como as agências matrimoniais, clubes de correspondências, anúncios sentimentais publicados na mídia impressa. A busca por satisfação pessoal ou por um mero entretenimento movimenta os *sites* de relacionamento.

A partir das entrevistas realizadas, os ambientes *on line* aparecem como espaço da negociação: o “eu” e o “outro” constroem discursos capazes de sustentar situações que irão vivenciar durante o tempo em que estiverem interagindo. Mas suas condutas nem sempre estarão evidentemente imunes às investidas alheias. É interessante notar como cada usuário constrói parâmetros para avaliar essas relações. Na entrevista com o estudante Tiago, podemos observar como ele ressalta a possibilidade de identificar um “jeito” característico das pessoas se expressarem que permite classificar o outro a partir das trocas de mensagens:

Já que você falou das salas de bate-papo, como você as descreveria?

Olha ... tem muita coisa boa, gente boa mas tem também muita coisa ruim...

Tipo...?

Pessoas que só querem saber de sacanagem, só querem saber de sexo ou mostrar coisas pornográficas. Eu não curto isso. Mas, quando eu entro, eu consigo achar gente interessante também. Você tem que tomar cuidado com o que fala e o que diz.

Por que ?

Quando você entra na sala, e chama alguém pra teclar, geralmente eles começam a fazer perguntas do tipo "onde vc mora", "qual sua idade" e essas perguntas não devem ser respondidas de início.

Mas esses dados não são importantes para a "filtragem" dos perfis? Para uma possível escolha?

São...mas nunca se sabe com quem você tá teclando, eu só respondo esses dados depois que eu tenho certeza se a pessoa é de boa....

E como se chega a conclusão de que a pessoa é “de boa”? Quais são seus critérios?

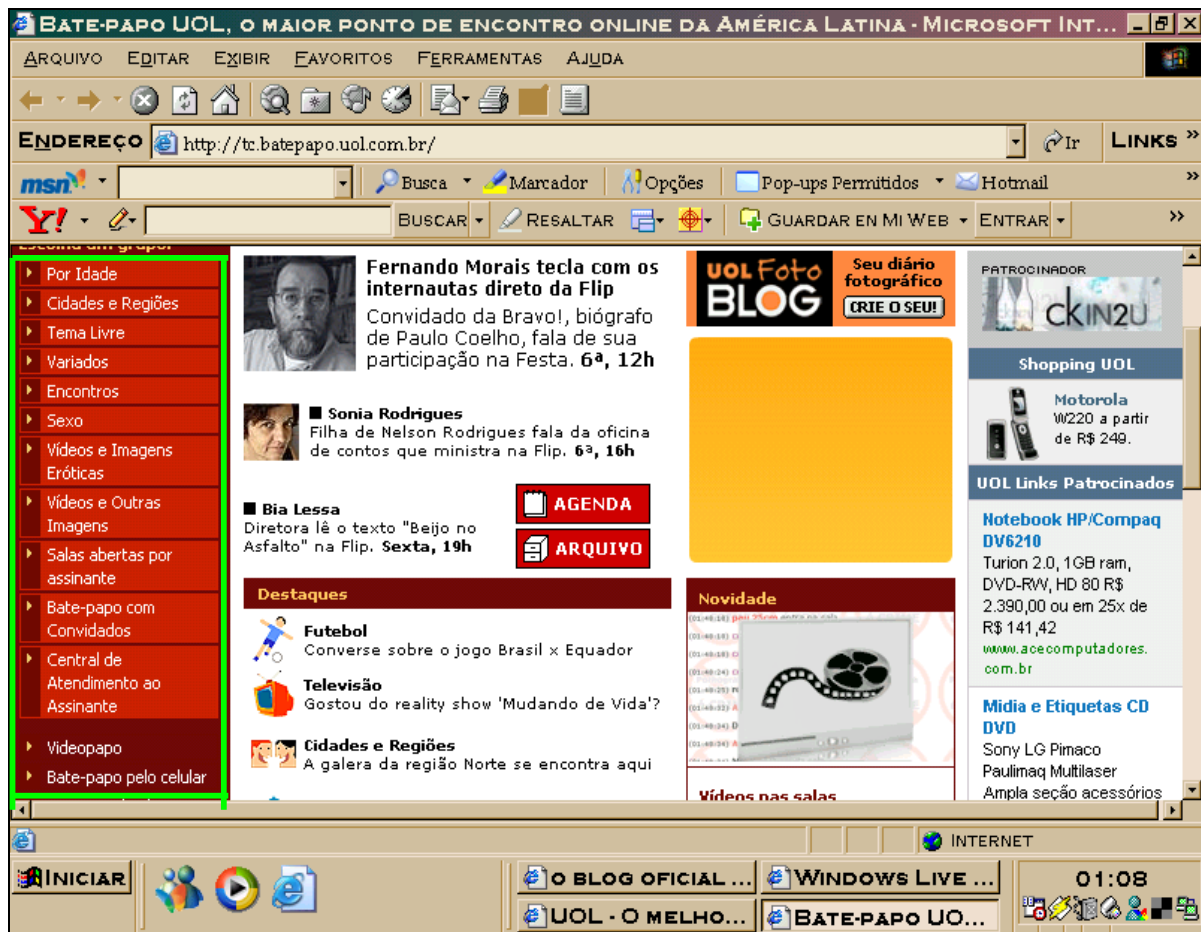
Ah...as perguntas que a pessoa faz, o tipo de assunto, o jeito que a pessoa comporta; se alguém me pergunta se quero sexo eu nem dou moral; tem aqueles que só perguntam coisas extremamente pessoais, tipo onde você trabalha, em que horário...⁵⁷

Os usuários, tais como Tiago, costumam atribuir sentidos do que é positivo/negativo, bom/ruim considerando o comportamento verbal do interlocutor “materializado” no texto escrito, pois, ao contrário da comunicação presencial (face-a-face), a comunicação estará destituída de gestos e olhares que configurariam aceitação, ênfase ou negação. O movimento de teclar corresponderia, portanto, ao processo de construção da sua permanência neste espaço. Observe-se igualmente que já há uma referência ao ambiente virtual como espaço aberto à comunicabilidade, à sociabilidade. Daí a referência a esse espírito boêmio: o internauta do século XXI, com novas experiências em termos de agregações sociais, emerge como um navegador curioso, interativo e aventureiro. As conferências eletrônicas e as salas de bate-papo, em geral, constituem um espaço heterogêneo, tal como o *ciberespaço* e suas comunidades.

O maior provedor de conteúdo em língua não-inglesa do mundo é o *Universo On Line* (UOL) e a sessão de *chats* é a área mais acessada do *site*; sua popularidade justifica-se pela variedade de grupos aos quais os usuários podem se cadastrar para bate-papo e recursos disponíveis para a comunicação. É o *site* que oferece o maior número de salas no tópico de cidades, o que facilita a interação entre pessoas da mesma localidade, quando esse é o interesse; no caso da cidade de Uberlândia, é possível encontrar até 7 (sete) salas com capacidade para até 30 (trinta) pessoas cada. As duas figuras que seguem abaixo (figuras 11 e 12) permitem observar as múltiplas escolhas abertas aos frequentadores das salas de bate-papo.

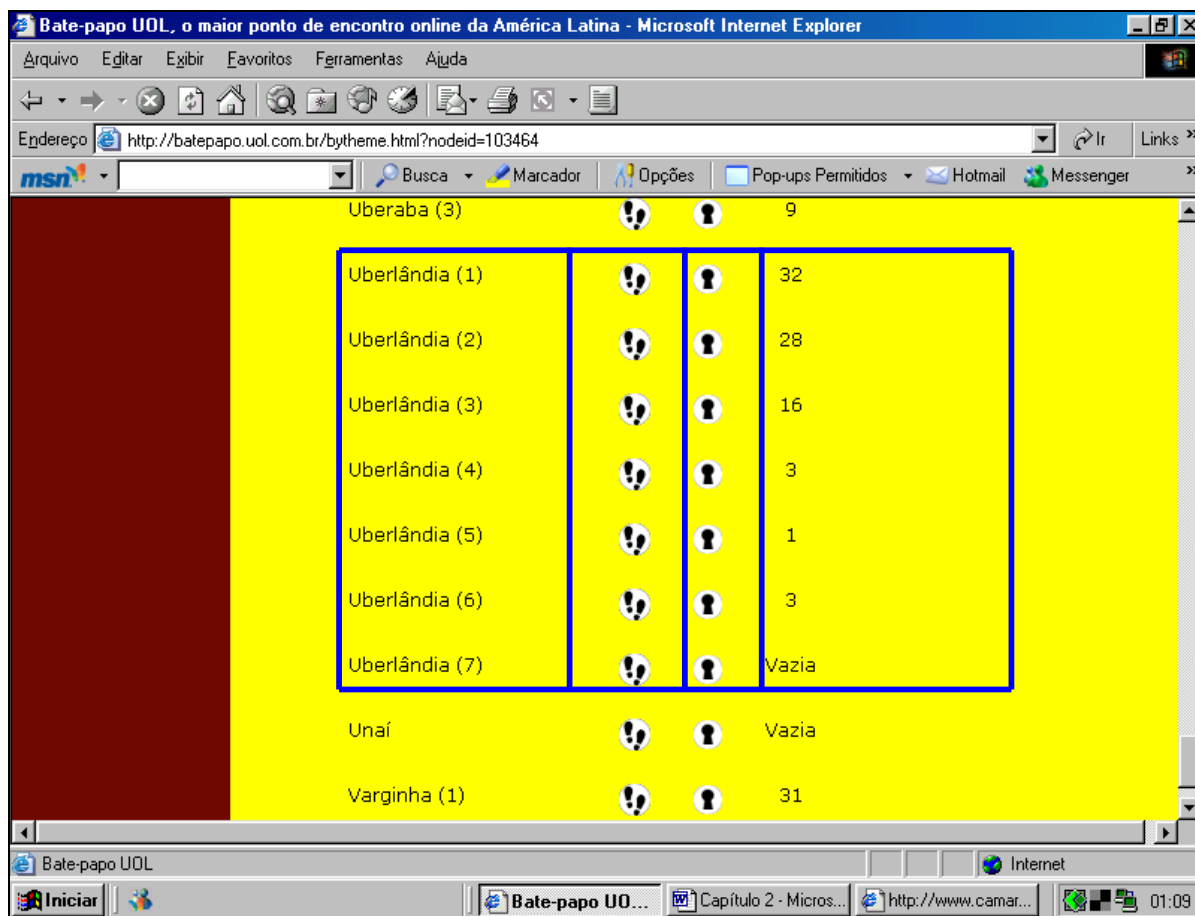
⁵⁷Entrevista realizada com o estudante Tiago via *MSN* em 03/05/2007.

Figura 11 - Links direcionados para bate-papos



O *link* para bate-papo está na página inicial do *site* UOL (www.uol.com.br). A partir dele, uma lista de grupos é apresentada, na coluna do lado esquerdo selecionada, cada um com seu tema: **idade, cidades e regiões, tema livre, variados, encontros, sexo, vídeos e imagens**. Cada um destes grupos possui subgrupos que irão culminar nas salas, que são mais específicas. Por, exemplo, ao se filtrar o interesse pelo bate-papo pelo critério idade, podemos escolher qual será a faixa etária almejada; se o critério for **cidades**, escolhemos primeiramente o estado e depois a cidade.

Figura 12 - Salas de bate-papo disponíveis na categoria cidade Uberlândia



Nesta figura, podemos identificar vários elementos que permitem elaborar uma configuração do espaço virtual, tomando como referência as salas de bate-papo. Dividindo o *layout* em quatro colunas, teremos:

- ⇒ As salas voltadas para a categoria “Cidade/Uberlândia” em número de 7 (sete) indicadas pelo número entre parênteses;
- ⇒ O sinal das “pegadinhas” indicando o caminho para se entrar na sala. Neste momento, o usuário é obrigado a cadastrar seu *nickname*;
- ⇒ O sinal da fechadura oferecendo a possibilidade de apenas “olhar” o que está acontecendo na sala e quem está lá. Para os freqüentadores assíduos, existe uma certa familiaridade em relação aos *nick's* utilizados por outros usuários, sendo possível reencontrar pessoas que freqüentaram o *chat*, passando por uma das salas reservadas à categoria “Cidade/Uberlândia”.
- ⇒ A última coluna indica o número de pessoas que estão na sala. Geralmente, a sala com o maior número de usuários “logados” é a mais ativa e, portanto, mais disputada.

Um aspecto interessante para análise, tomando como suporte as conversações *on line*, é a apresentação dos discursos construídos – as marcas comunicacionais deixadas pelos internautas. Lembremo-nos que a informalidade prevalece na forma de se comunicar, independente de se tratar de conversas banais ou de assuntos mais complexos e profundos. Recuperando alguns trechos da comunicação *on line* citada no capítulo anterior, podemos visualizar melhor essa efervescência de vozes:

	tchuca mg 15:45:26 fala com gatynho olhos verdes	kd vc
	GABRIEL 15:45:33 fala com Ynithame	quero
	NATY 15:45:33 fala com tigre	NEM TANTO
	tchuca mg 15:45:51 fala com gatynho olhos verdes	me responde tem msn
	novinha que arrasa 15:46:02	OI DJO VC TEM MSN NEM
	tchuca mg 15:46:15 fala com gatynho olhos verdes	vc morra ne qual bairro

tigre 15:46:15 **fala** com NATY porque nem tanto vc gostou

wesley 15:46:18 **fala** com >Gatinha hum me add la

Milinha 15:46:31 Oláaaaaa

 NATY 15:46:34 **fala** com tigre sim

As conversações *on line*, quando confrontadas com as normas da língua culta, carregam consigo um caráter minimalista e confuso por privilegiar rapidez, instantaneidade e objetividade a cada mensagem enviada. Nos *chats*, portanto, evidencia-se uma comunicação semi-sequencial como se várias pessoas falassem ao mesmo tempo, mas é justamente o silêncio e a falta dos gestos que abrem espaço para outros códigos que permitam facilitar a compreensão do significado da fala, é o caso dos *emoticons* citados no capítulo anterior, denotando indiferença, sorriso, choro, beijo, grito, etc (figura 13).

O que garante o acompanhamento da seqüencialidade da conversação é o controle que cada usuário faz no sentido de identificar com quantos internautas de um determinado grupo está se comunicando. A conversação *on line*, seja nos *chats* ou em outros mecanismos de comunicação instantânea, constitui um modo diferente de encarar a interação social. A disponibilidade (expressa por respostas imediatas), a verbalização das emoções (através de ícones e *emoticons*) e a ritualização dos comportamentos (explicitação dos comportamentos não-verbais) são eixos essenciais para a eficácia na comunicação entre os internautas, pois fazem parte deste processo de construção da imagem que traz consigo uma identidade.

Figura 13 - Emoticons



Pensar a identidade, ou melhor, as identidades, no contexto das transformações na comunicação e na sociabilidade, apresenta-se como um grande problema. E isso está longe de ser considerado ruim: a noção de problema vem imbuída justamente da idéia de conflito, embate, questionamento, descoberta e reconstruções. Logo, este trabalho não se propõe a oferecer respostas que vêm sendo buscadas pela Antropologia, pela Filosofia, pela História, enfim, mas participar da discussão de como as identidades estão sendo constituídas e transformadas pelos usuários da rede, digo, como o problema da identidade está sendo apresentado.

É comum ouvir que no “mundo *on line*” as pessoas encontram a possibilidade de desempenhar papéis diversos nos diferentes lugares da rede. A mediatização permite que um homem se passe por uma mulher (ação facilitada na ausência de *webcams* e dispositivos de voz) e vice-versa, que se “minta” a respeito da idade, da profissão, do lugar onde se mora (nestes casos, exige-se, eu acredito, algumas habilidades para sustentar a versão adotada), essas possibilidades apareceram na fala de todos os usuários entrevistados por mim. E, no caso do *Orkut*, disponibilizam-se várias ferramentas que permitem a constituição de uma gama variada de formas de representação do sujeito dentro da rede. A entrevistada Adriana discorre e comenta umas dessas experiências de identificação:

...Na *Internet* cada um pode ser aquilo que quer ser, a gente vai em busca de estereótipos específicos (...) eu não vou generalizar, falar que é em todas as situações porque é meio complicado, mas em algumas situações sim. As pessoas às vezes valorizam demais alguma coisa é ... que quando você aprofunda, você realmente conhece aquela pessoa, você vê que não é exatamente o que ela falou. Então ela acaba querendo se sobrepor, querendo mesmo te agradar, chamar a atenção pra ... pra alguma coisa que às vezes não sei se chega a ser rejeição da pessoa, mas ela fantasia, talvez alguma coisa que ela tenha vontade de ser. Tenho até um exemplo de uma pessoa que conheci e tinha sempre aquela conversa: ah, qual é a sua altura, seu peso, tal, e a pessoa colocou, assim, como uma pessoa bem mais alta que eu, acho que perguntei a altura e ele disse que tinha 1,75m, enquanto eu tenho 1,65, quando eu cheguei perto da pessoa, eu era maior que a pessoa ...rsrsrsrs. Então, assim, dá pra gente perceber que as pessoas tentam passar uma imagem de alguém diferente, melhor do que às vezes elas são.⁵⁸

As falas apontam constantemente para o embate entre fantasia e realidade. E não deixam de se referir às constantes transformações no modo como o indivíduo é

⁵⁸ Entrevista realizada com a usuária Adriana, em 29/04/2007.

concebido, seja na particularidade, seja na coletividade. Será mesmo possível ser o que se quiser? A resposta, penso, não estará num sim, tampouco no não. Esta proposição nos força a pensar o sentido de nossas intenções e no caso das relações mediadas por computadores, não cabe a relação de causa x efeito: nossas escolhas tendem a justificar padrões de comportamento continuamente elaborados socialmente. Dessa forma, a cada interação, teremos situações específicas referentes ao uso da linguagem, a possíveis restrições, sejam elas sociais e/ou culturais, que acabam determinando essas escolhas, as próprias transgressões que são percebidas de formas diferenciadas e muitas outras. Quando Adriana diz que vamos “...em busca de estereótipos específicos (...)”, ela acaba trazendo para a discussão a problemática apontada por Zygmunt Bauman quando este analisa a construção dos laços humanos na contemporaneidade sob a égide da velocidade e da atualização, de modo que ambas são apresentadas como necessidade nas relações de qualquer natureza; conforme entendimento da socióloga Gioconda Bordon, a partir de sua leitura das obras de Bauman, observa-se uma dependência em função de apelos cada vez mais externos, que comanda novas performances sociais e as exigências em relação ao outro ⁵⁹.

É interessante notar que quando a motivação nas relações *on line* é a busca por parceiros, existe de fato essa tendência de descartar aquele que não corresponde às minhas expectativas, que de certa forma não atende às exigências e aí podemos perceber o apelo citado acima – dos estereótipos, dos padrões moldados social e culturalmente. Parece exagero, mas não é. Nos *sites* de encontro e agenciamento temos a possibilidade de “montar” pessoas ideais que procuramos. Mas será que estamos atentos para o fato de que este ideal possa não existir? O equívoco está em colocar a culpa nas “parafernálias” eletrônicas, desconsiderando que essas posturas também se fazem presentes no “mundo *off line*” e que nele as pessoas também fantasiam sobre si e sobre o outro.

Minha segunda entrevistada, a estudante Elaine, 23 anos, quando chamada a se apresentar e discorrer sobre suas experiências e expectativas diante das novas

⁵⁹ “O apelo por fazer escolhas que possam num espaço muito curto de tempo serem trocadas por outras mais atualizadas e mais promissoras, não apenas orientam as decisões de compra num mercado abundante de produtos novos, mas também parecem comandar o ritmo da busca por parceiros cada vez mais satisfatórios. A ordem do dia nos motiva a entrar em novos relacionamentos sem fechar as portas para outros que possam eventualmente se insinuar com contornos mais atraentes (...)” BORDON, Gioconda (2005). **A fragilidade dos laços humanos.** Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=123>. Acesso em 08 mar. 2007.

modalidades de comunicação, em especial a *Internet*, também se refere a essa possibilidade de construção múltipla:

...Acho que ... que o mundo que a gente vive é muito superficial. A gente olha e, de acordo com a sua aparência, o outro julga se você é aceitável ou não, se você serve para ser amigo, se você serve para ser namorado e a Internet não tem esse primeiro momento. Independente de que agora tenha né e muito (risos), mas naquele momento não tinha. Num primeiro momento eu fiquei entusiasmada, a gente começa a conversar, a conhecer pessoas e tem essa questão de ser escrito, você não precisa falar, você não se revela se não quiser, você usa o nickname, você cria uma coisa, você acaba criando também uma persona, você vai... vai falando ali, você pode ser aquilo que quiser, você pode ser uma mulher ou um homem, se você é tímido você pode ser extrovertido, se você é feio você pode ser bonito, porque ali tudo vale, ninguém tá te vendo, a pessoa que está do outro lado passa a se interessar pelo que você é, né (...).⁶⁰

Mas sua fala traz algumas contradições e, neste sentido, o ano de 2004 é uma referência temporal. Este é o ano em que foi criado o *site* de relacionamento *Orkut* e depois dele muitas outras ferramentas, das quais a mais ilustrativa é a difusão dos *Blogs/Fotologs*, começaram a **exploram de forma intensa o aspecto da visibilidade**. Fazemos um retrospecto: antes, conseguíamos manter um contato via correio eletrônico por muito mais tempo na tentativa de conhecer melhor a outra pessoa; a troca de mensagens era mais personalizada. Hoje, acrescentamos constantemente novos contatos ao nosso *MSN*, por exemplo, decorrentes da “navegação” nas salas e nos chats, mas a duração e a força desses laços é menor, justamente porque não se quer perder tempo quando o outro não mais atrai. Quando perguntei para Adriana como se dá a elaboração do sentido do vínculo que se está construindo, ela ressaltou:

... são significativas a partir do momento que eu tô realmente buscando novos contatos mesmo. Eu, no meu caso, entro mais na *Internet* quando não tenho nada pra fazer. As opiniões não precisam ser as mesmas, mas a partir do momento que eu já, entre aspas, descarto a pessoa, porque alguma coisa não bateu, porque não está de acordo com o perfil que tracei pra contato, deixa de ser dotado de sentido: eu excluo a pessoa, deixo ela bloqueada, que é pra não conversar mais com ela (...).⁶¹

Não estou declarando, observem, que as relações *on line* não produzem laços fortes, apenas reforço que a intensificação do vínculo corresponde ao grau da

⁶⁰ Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

⁶¹ Entrevista realizada com a usuária Adriana, em 29/04/2007.

intencionalidade do usuário: se buscamos novas amizades, essas relações podem ser duradouras e intensas; se buscamos contatos profissionais, elas também podem se fortalecer. E a possibilidade de manter contatos já existentes através da *Internet* é apontada com significativa relevância, para aqueles que não dispõem de tempo para sair freqüentemente com os amigos. Ferramentas como o *MSN* e as páginas de *Orkut* podem ser considerados como “retratos” da dinâmica social do indivíduo e por isso chamam tanto a atenção. Voltemos para as entrevistas. Vejamos que ao mesmo tempo em que Elaine afirma ser possível “ser aceito” pelo que se é, ela propõe:

...Acho que... que o mundo que a gente vive é muito superficial, a gente olha e, de acordo com a sua aparência, o outro julga se você é aceitável ou não, se você serve para ser amigo, se você serve para ser namorado. E a *Internet* não tem esse primeiro momento independente de que agora tenha, né, e muito (risos), mas naquele momento não tinha: você podia ser você mesmo ou podia ser outra pessoa, mas no fim você seria julgada pela sua essência. Pelo menos, era isso que eu via: a possibilidade de ser julgada pela minha essência, pelo vínculo que se estabelecia, não era preciso eu ser rica, ser bonita... Ah ... não sei, acho que me sentia mais livre, acho que as pessoas se sentem mais livres na *Internet*, foi aí que começou.⁶²

Discípula do realismo de Bauman, que aponta para a “liquefação” dos laços sociais? Talvez ! Evidências das relações contemporâneas, onde o indivíduo parece oscilar entre um eu saturado e um eu múltiplo. Para este sociólogo, a vida cotidiana, mesmo na vivência da intimidade não está imune às conseqüências políticas e sociais da globalização, o que faz com o mesmo enfatize a condição quase dramática de homens e mulheres movimentando-se em várias direções, sem saber, ao certo, o caminho a seguir. A usuária Elaine reconhece que nas relações mediadas por computador as pessoas podem, de certa forma, esconder-se e até testar quantas identidades forem necessárias. Isso me lembra a discussão acerca do conceito de experiência tal como foi proposto por Thompson no capítulo anterior: a experimentação da experiência como sentimento e não como reflexo de uma ideologia; pode nos remeter também a pensar a identidade desvinculada da idéia de papéis sociais (função do indivíduo na estrutura social).

Na percepção da professora de Sociologia do Massachussets Institut of Tecnology (MIT), Sherry Turkle, o que se apreende de fato nessas relações é que multiplicidade e unidade correspondem a dois momentos que se complementam num

⁶² Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

processo maior, qual seja, o de construção da identidade do sujeito. Segundo a autora, na vida *on line* as pessoas experimentam vários aspectos delas mesmas, potencializando aspectos e/ou experiências retomadas da vida cotidiana⁶³. Ao afirmar a relação entre uniformidade/multiplicidade da experiência e cultura, Turkle ratifica a historicidade e a relevância das diversas ações dos indivíduos no exercício da construção de sentido para a vivência.

Quando se fala do espaço *on line* há sempre uma referência a uma alta dose de liberalidade ou libertinagem (para alguns). É essa sensação que permite atitudes mais despojadas: eu posso dizer coisas de toda sorte sem que o outro me veja e realmente é mais fácil “falar” só digitando para alguém que está do outro lado da tela em qualquer lugar. Numa conversa informal com um amigo fui quase que repreendida por apostar na idéia de que os padrões de sociabilidade realmente estão passando por transformações, segundo ele não existe sociabilidade, mas distanciabilidade - reflexo da incapacidade humana de correr riscos, mas, acima de tudo, a ausência de habilidade para se relacionar com o outro; daí ele cita o egoísmo, o medo da rejeição e até do compromisso para caracterizar a postura do sujeito contemporâneo. Mas, ao mesmo tempo em que faz suas proposições acerca da comunicação mediada por computador, ele reconhece que se inserir neste mundo, prefiro dizer, usufruir as ferramentas comunicacionais, é um imperativo na nossa sociedade: “Pois é!! Mas ou eu me inseria nesse contexto ou ficava de fora do contexto, engraçado não?”⁶⁴. É neste sentido que volto a dizer: os reducionismos não podem ser aplicados ao pensamento acerca das transformações sociais e, na verdade, a todo tipo de transformação que altera a vida do homem. Quando o assunto é tecnologia, devemos estar atentos ao uso que se faz e aos movimentos de apropriação por parte dos sujeitos, lembrando que novos estágios não suplantam os anteriores de forma imediata e absoluta, eliminando “vestígios” de uma sociedade, nos seus modos de ser, agir e pensar.

Stuart Hall também nos adverte acerca desta “proliferação” de subjetividades:

⁶³ “Então não é que não se vivam múltiplas experiências off line, com os diferentes papéis de cada um, mas a vida on-line retoma isso para eleva-lo a um grau superior. Para muitas pessoas, a comunicação virtual permite uma expressão mais livre dos inúmeros aspectos de si mesmo. Mas se trata de algo que também se vive no *resto da vida*. Há momentos em que a cultura enfatiza a uniformidade da experiência e outros em que acentua a multiplicidade da experiência (...) Cada vez mais, pessoas tornam-se mais sensíveis à multiplicidade da própria *unidade*.” CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: fronteira do real e do virtual. Revista **FAMECOS**. Porto Alegre, nº 11, p. 117-123, dez. 1999.

⁶⁴ Trecho de uma conversa informal com o estudante e pesquisador Jeremias Brasileiro, em 20/03/2007.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem *flutuar livremente*. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós) dentre as quais parece possível fazer uma escolha.⁶⁵

E já que ele fala em mercado global, é importante ressaltar que para esses “contatos” entre local e global no contexto do desenvolvimento da *Internet* deve prevalecer a perspectiva de que os usuários negociam com outras culturas: não se trata de assimilação absoluta, nem de perda da identidade. É a negociação a partir da interação de cada indivíduo com a realidade a sua volta que permitirá à identidade cultural operar esses processos de produção e assimilação. Neste sentido, é preciso compreender que a idéia de formação humana passa pelas interações sociais, construídas pelos sujeitos sociais, enquanto indivíduos e grupos, por meio de práticas e instituições, na vivência do cotidiano, relacionadas às formas como as relações sociais de produção da vida vão se articulando nas diferentes formações sociais.

A *persona*, elemento apontado pela estudante Elaine, pode ser entendida como identidade a ser construída e, porque não dizer, “utilizada”. Ela procura dar conta das múltiplas necessidades com as quais somos confrontados. O jornalista Jupy Júnior, concebendo a *Internet* como uma nova mídia, faz a relação entre a sociedade contemporânea e a necessidade do reconhecimento em termos de moldes, padrões e ideais construídos socialmente⁶⁶. Acredito que é necessário tomar cuidado com essa idéia de “buscar a satisfação” como uma meta a ser alcançada integralmente. Partindo da referência aos estereótipos, podemos assinalar a dependência para com padrões de beleza, de status social, mas é importante ressaltar, ao mesmo tempo, que as buscas das pessoas talvez não estejam mais voltadas para modelos únicos e fechados: escolhe-se muito, mas dentro de uma diversidade maior. Sugerem tentativas de encaixe, a que se refere Jupy Júnior, com procedimentos de simulações, manipulações e enganações, aos quais as pessoas estão igualmente sujeitos *off line*. Nesse sentido, compreende-se o

⁶⁵ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 75.

⁶⁶ “... as pessoas que se comunicam revelam seus segredos e expõem seus desejos. Há uma busca pela satisfação de ideais construídos socialmente. Há uma urgente vontade de reconhecimento e de encaixe em alguns dos moldes que circulam na realidade social e simbólica.” JÚNIOR, Jupy. **Chats: comunicação e sociedade**. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/jupy2.htm>. Acesso em: 18 set. 2005.

“ressentimento” por parte de alguns usuários quando precisam lidar com a fluidez de uma identidade aparente, ou seja, quando se dão conta de que o outro não era tal qual como se imaginava.

A identificação propriamente dita, a “entrada” oficial do usuário na rede que se dá através do *nickname*, ou simplesmente, *nick*, um apelido que será a identificação para todas as mensagens produzidas, traz em sua escolha um processo fundamental: a identificação dos interesses do utilizador. Segundo a socióloga Clarissa Fonseca de Castro, através do *nick* pode-se identificar os interesses do utilizador:

A meta é aproximar-se de pessoas que dividam os mesmos interesses ou apenas conversar sem pretensões, por isso o *nick* carrega a personalidade do usuário, pode até definir o estilo e a maneira de ser. Mas isso não pode ser considerado como regra, algumas vezes um usuário revela-se por dois ou três *nicks* diferentes, tudo depende do objetivo que ele quer atingir: às vezes se quer seduzir, outras vezes ser engraçado ou misterioso. Mas quando se aprofundam os relacionamentos, é comum o internauta permanecer com uma só identidade, ele se faz conhecido através dela.⁶⁷

“Bombeiro”, “Militar Gatinho”, “Tya”, “Wolverine (18)”, “Jr. 22”, “H. Só”, “Policeman”, “Carinhosa”, “Karente Só”, “Lua”, “H-afim”, “Médico do coração”, “Kara legal” e uma longa lista segue de *nicknames* ou máscaras, com formas variadas de escrita, para os *ciberencontros*. Essa mutabilidade nos apelidos é maior nos *chats* e salas de bate-papo, pois todas as vezes que se faz o *login* é exigido um; no caso das comunidades (preferencialmente, as do *Orkut*) existe a senha pessoal e intransferível que garante o acesso, permitindo que o usuário tenha um apelido permanente, até mesmo por se tratar de atividade onde o fator pessoalidade é uma constante.

2.3. (Ciber) Intolerância e comunidade

Da mesma forma que temos observado a experiência da identidade como não sendo unitária, mas alimentada por fontes múltiplas e assumindo também formas múltiplas, observamos um novo enfoque em relação ao local e ao global, atribuindo-se uma renovada importância, sobretudo, ao local. Muitos autores falam de redescoberta de identidades, de tradições e culturas. Mas como esses novos arranjos são construídos e experimentados pelos usuários da rede? Coloco essa questão porque as comunidades

⁶⁷ CASTRO, Clarissa. **Ciberencontros**: o chat da internet como espaço virtual de convívio social. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/ccastro1.htm>. Acesso em: 02 fev. 2006.

virtuais e outros espaços similares onde se constroem a sociabilidade explicitam uma tendência à especialização. De acordo com a socióloga Ilse Scherer-Warren:

... as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais ou ideológicas. Todavia, elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, numa constante dialética entre local e o mais global, entre o presencial e o virtual (...).⁶⁸

“Adesões” e “afinidades” são palavras-chave para se entender a dinâmica das comunidades virtuais e de muitos grupos que se encontram espalhados pela rede. Os membros de uma comunidade orientada pelo tema futebol, por exemplo, podem discutir quaisquer assuntos, mas geralmente estarão vinculados ao mesmo tema. Essa especialização ratificada por Scherer-Warren em torno de interesses de agregação, associada a um controle escorregadio na *Web*, tem revelado condições propícias tanto para formação de “nichos de identidade”⁶⁹ positiva quanto para a disseminação de práticas intolerantes (homofobia, racismo, xenofobismo, violência contra animais e pedofilia).

Analisar como o local e o global estão negociando, tendo em vista a construção do sentimento de pertença nos grupos virtuais, a partir da identificação e do compartilhar de interesses, assume grande importância porque também faz parte das referências dos usuários na forma como percebem a configuração dos espaços. Na entrevista, a estudante Elaine sempre ressalta a dificuldade dela própria pensar o *off line* e o *on line* como complementaridade: a ausência do contato físico determina, segundo ela, uma nítida separação, esta ausência determina, inclusive, sua concepção de comunicação. Neste sentido, ela traz uma experiência que nos ajudará a visualizar a questão da especialização na formação das comunidades:

... quando eu estava no terceiro ano, muitos alunos da escola já tinham esse contato com a *Internet*; um dia o professor perguntou: nossa, vocês têm a possibilidade de conversar com pessoas que estão do outro lado do mundo, vocês poderiam falar com elas, conhecer um

⁶⁸ SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila C. et alii (orgs). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005, p. 39.

⁶⁹ MOURA, Maria Aparecida. Interações Sociais e Comunidades Virtuais: Transformações na sociabilidade? **IP – Informática Pública**. Belo Horizonte, ano 7, n.1, 2005. No artigo a autora analisa as possibilidades contemporâneas de expressão do pertencimento para, posteriormente, problematizar a questão da intolerância na rede.

pouco sobre a cultura delas, ampliar seu círculo de amizades, e o que fazem? Vocês saem aqui da escola, sentam na frente do computador e vão conversar com o pessoal que vocês acabaram de ver aqui na escola. Você continua conversando com pessoas que estão próximas, tipo, se você está em Uberlândia, você vai entrar numa sala só de Uberlândia, conversando com pessoas da sua cidade, e as amizades não vão mais ser cara a cara...⁷⁰

A sua “desilusão” para com a *Internet* aponta para outras considerações:

O caso das comunidades do orkut reflete isso, se a gente for parar pra pensar: a escolha das comunidades por interesses, afinidades, vai reforçando uma posição de intolerância, porque você conhece um tanto de gente que tem os mesmos gosto que os seus. Observe que a gente não estabelece contatos com aqueles que divergem, dos que não gostam do mesmo estilo de música que o meu, dos que não torcem pelo meu time, etc. Acabam criando a imagem de realidades puras, portanto, fechadas. Amizade não é isso; amizade compreende troca de experiências.⁷¹

Dois aspectos são extremamente interessantes nas considerações de Elaine. Num primeiro momento, podemos identificar uma crítica, primeiro, por parte de seu professor, com a qual hoje ela compartilha, ao hábito construído pelos alunos da turma de “prolongar” no pós-aula o contato entre si através da *Internet*. Depois, critica a falta de iniciativa por parte dos mesmos em buscar estabelecer contatos com grupos diferentes. A comunicação mediada por computador potencializou os contatos já existentes, mas, pelo que pudemos verificar, aprofundou os critérios de seleção (não sei ainda se o termo é o mais apropriado) e às vezes, também os de exclusão (lembramos de quando Adriana falava que era só bloquear a pessoa e pronto!!!). E a “intolerância” acaba passando por “diversidade”. Quando questionado se esse modo de organizar a vida *on line*, não levaria as pessoas ao isolamento, Bill nos dá mostras de que ainda há muito que se refletir acerca do assunto:

Eu penso que sim. Por exemplo, nós falamos da tolerância nos grupos, né, esse é um grande exercício de olhar o diferente, você pode até não aceitá-lo, mas ele existe e é tão importante para alguém quanto aquilo que julgo ser importante para mim ou para meu grupo. Então, quando eu crio uma comunidade da minha cidade, não se trata de uma ação exclusiva: outras pessoas de outras cidades também vão montar seu grupo, como também acontece de ter várias comunidades de um tema

⁷⁰ Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

⁷¹ Entrevista realizada com a estudante Elaine, em 30/04/2007.

só. Eu percebo isso como vários olhares em torno de algo que tem significado diferente pra todo mundo.⁷²

A rede é construída pelos usuários enquanto instrumento de comunicação entre indivíduos, sendo assim, é possível conjecturar que ela jamais poderá pensar e operar as experiências da vida em nosso lugar. O aproveitamento ideal dessas possibilidades corresponde ao envolvimento de cada sujeito e à qualidade de suas contribuições, de maneira que possamos lidar com a diversidade cultural de forma equilibrada no *ciberespaço*, pois este contém aquilo que nós mesmos colocamos e produzimos. Não importa quantas comunidades ou *sites* surjam sobre o mesmo assunto, o que aparece como importante é não se perder o ponto de conexão. O *ciberespaço* tem sido construído a partir dessas experiências, como diferença. O exemplo das comunidades do *Orkut*, voltadas para a cidade Uberlândia, é emblemático. Independente de quem é o “dono” da comunidade, dos tópicos que serão privilegiados, os internautas costumam participar de duas ou mais comunidades que tratem do mesmo tema; essa adesão a comunidades de mesmo objeto parece dar sinal do desejo de ratificar, reforçar o vínculo tanto com os demais usuários quanto ao simples fato de ser uberlandense.

Quando discutimos anteriormente as remodelações em termos de referências conceituais, podemos observar um nítido movimento em busca da compreensão de novos elementos ou novas categorias que possam nos ajudar a pensar a dinâmica social e os fenômenos culturais. Quem diria ser possível propor uma idéia de espaço senão na perspectiva do material concreto? Ou como criar laços sociais, relações humanas sem ver o outro? O conceito de comunidade acompanha justamente essa mudança: a identificação e o compartilhar interesses comuns são apontados como os seus elementos definidores, mas não caímos na tentação de pensar que a criação de comunidades por afinidade exclui a possibilidade de conflito ou de um estado de desorganização.

Ao constituir-se como espaço de sociabilidade, o *ciberespaço* produz novas formas de relações, cujos códigos são adaptados ao espaço e tempo virtuais. Fica claro, portanto, que assistimos a um processo de transformação da comunicação humana através da *Internet*, onde é possível visualizar a formação de comunidades virtuais. As páginas do *Orkut*, os *Blogs* e os vários *chats* disponíveis na *Web* são produzidas nessas experiências. O conceito de comunidade remete-nos a um referencial geográfico onde

⁷² Entrevista realizada com o usuário Bill, em 03/05/2007.

as relações são diretas; observemos o conceito proposto por Adelina Silva, especializada em Relações Interculturais:

Comunidade é um conjunto de pessoas numa determinada área, normalmente geográfica, com uma estrutura social (existe algum tipo de relacionamento compartilhado entre os indivíduos), podendo existir um espírito compartilhado entre os seus membros e um sentimento de pertença ao grupo.⁷³

Partindo deste delineamento conceitual, a autora propõe um conjunto que caracteriza, de modo geral, toda comunidade: a continuidade espacial; o estar consciente da existência de interesses comuns; e a ação coletiva que revela a força de coesão interna da comunidade. Já vimos no capítulo anterior que o *ciberespaço* não está circunscrito a uma concepção de espaço físico, mas a um espaço de interação onde as pessoas se encontram e experimentam os elementos de uma vida em comunidade, de formas evidentemente diferenciadas, mas que não excluem os aspectos centrais deste conceito, pontuado por fenômenos heterogêneos e relações abrangentes.

A Sociologia Clássica mostra que nem sempre houve unanimidade ao se tratar do conceito de comunidade⁷⁴. Em Tönies, comunidade e sociedade são conceitos opostos. De uma maneira idealizada, a comunidade reunia todos os aspectos necessários para que a coletividade vivesse em harmonia (família, união, costumes e religião), enquanto isso, a modernidade teria inaugurado a organização dos sujeitos em sociedade – frieza, convenções e leis determinariam as relações sociais.

Apesar de pensar comunidade/sociedade numa relação de oposição, Tönies declarava-se consciente da impossibilidade de, na prática, concretizar-se tal separação; na sua perspectiva de mudança social, despreende-se que “o ser humano, portanto, aspiraria à união e ao mesmo tempo, seria contra ela, oscilaria entre a conexão e a separação, o coletivo e o individual.” Durkheim também apontava para esse caráter dicotômico que permeia nossas idéias acerca da comunidade e da sociedade, mas, ao contrário de Tönies, ele conferia a esta um caráter natural, de modo que se apresenta

⁷³ SILVA, Adelina Mª Pereira da. **Ciberantropologia** – O estudo das comunidades virtuais. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-ciberantropologia.pdf>. acesso em: 04 jun. 2006.

⁷⁴ Na impossibilidade de trabalhar diretamente com os clássicos, selecionei o trabalho da professora e pesquisadora Raquel da Cunha Recuero, onde é possível visualizar sistematicamente os princípios básicos dos autores que serão trabalhados em referência a Sociologia Clássica (Weber, Tönies e Durkheim). Cf. RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais** – uma abordagem teórica. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>. Acesso em: 15 jun.2006.

como “fim derivado” da comunidade. Weber, por sua vez, baseando-se na orientação da razão social, faz algumas ponderações com intuito de não tomar os dois conceitos em relação de exclusão ou oposição.⁷⁵

É a partir daí que se começa a pensar a comunidade vinculada a diferentes princípios de coesão que fogem dos laços familiares para se apoiar em outras demandas, quais sejam, o sentimento de pertencimento, a existência de um projeto comum, de formas próprias de comunicação, a territorialidade, a permanência. Acredito que o sentimento de pertencimento seja o que mais se destaca, ele é o ponto mais nítido da percepção de que se faz parte de um todo, de que se está inserido em algum processo.

Considerando-se que as tecnologias da informação e da comunicação são processadas junto a processos sócio-históricos, podemos perceber novos sentidos decorrentes das experiências de interação, comunicabilidade e sociabilidade num cenário de novas regionalizações e reterritorializações. Não é vão que a cultura das redes redefine-se constantemente em função de novas subjetividades e novas relações de troca, tal como em Thompson, quando afirma que os indivíduos definem e redefinem suas práticas e pensamentos a partir do que é por eles construído social e historicamente. Essa é a mensagem de seus estudos sobre a cultura popular, partir do princípio de que a própria hegemonia está vulnerável à capacidade humana de agir, de negociar, transitar entre os diversos espaços, ou seja, de fazer escolhas autonomamente.

⁷⁵ Para Weber, como para Durkheim, a maior parte das relações sociais tem em parte o caráter de comunidade, em parte o caráter de sociedade. Em qualquer comunidade seria possível encontrar situações de conflito e opressão, que de acordo com Tönnies não fariam parte da idéia de comunidade. Para Weber, a comunidade só existiria, propriamente, quando sobre uma base de um sentimento de situação comum e de suas conseqüências, está também situada a ação reciprocamente referida e que essa referência traduz o sentimento de formar um todo. RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais** – uma abordagem teórica. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>. Acesso em: 15 jun.2006.

Conclusão

O esforço aqui empreendido resultou da reflexão acerca da emergência de um novo meio de comunicação que, preservadas as devidas proporções, revitalizou e reinventou formas/padrões sociais já cristalizados. Foi um exercício que buscou ultrapassar uma perspectiva de exacerbado deslumbramento, a partir do reconhecimento de que a *Internet*, enquanto ferramenta comunicacional com suporte propício à interatividade, já faz parte do cotidiano de parte considerável da sociedade, seja pela do via acesso, seja pela via da exclusão, permitindo aos indivíduos negociar e partilhar novos sentidos, definir identidades, propor novas articulações.

Considerando a inserção da *Internet* no cotidiano de pessoas comuns, podemos apreender a *cibercultura* como manifestação da sociedade contemporânea na sua multiplicidade, pois não falamos de cultura, mas de culturas (no plural), não falamos de um tipo específico de sujeito, mas de sujeitos que transformam suas ações e seus modos de viver historicamente. Logo, essa mesma *cibercultura*, revestida de um ideal de universalidade, no sentido de considerar o contexto de globalização, revela o desigual e o conflitante.

Observamos, ao longo deste trabalho, a partir da fala dos interlocutores e da observação das comunidades virtuais, a crescente variedade de modos de expressão explicitados em novas formas de escrever, de expressar emoções e na invenção de novas retóricas de interatividade. Acredito que a riqueza do *ciberespaço* está nas pessoas que reelaboram esses novos espaços, com criatividade e compartilhamento de informações; a diversidade social e cultural no *ciberespaço* é diretamente proporcional ao envolvimento e a qualidade da contribuição dos diversos sujeitos, afinal, o “*ciberespaço* contém, de fato, aquilo que as pessoas nele colocam.”⁷⁶ Não estamos a viver em um “mundo novo”, mas somos chamados a lançar novos olhares para o modo como as práticas individuais, socialmente compartilhadas, revelam novas necessidades sociais e culturais.

A questão da diversidade apontada pelos usuários revela, em parte, a relevância da capacidade de iniciativa de cada ator social, na condição de usuário da grande rede. Mas nos chama a atenção, igualmente, para pensar a importância de grupos organizados

⁷⁶ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 241.

em prol de projetos artísticos e culturais, no sentido de valorizar saberes e práticas tradicionais e/ou alternativas. Deste modo, o desenvolvimento das comunidades virtuais e dos contatos interpessoais a distância e por afinidade, apresenta-se como sinal da experiência de navegação na *World Wide Web*, revelando, justamente, essa diversidade. O que se procurou mostrar com esta investigação é que o *ciberespaço*, como um “espaço de convivências”, permite as pessoas fomentarem relações, formarem grupamentos, criarem laços significativos. Essas novas teias de relações se interiorizam a partir de trocas simbólicas entre um e um, um e muitos e acabam por revelar um universo de muitas possibilidades em termos de sociabilidade, inclusive, as situações de conflito, pois, nem de longe, o ciberespaço constitui-se como o “lugar perfeito” da vida social; é o que podemos visualizar na postura de alguns usuários renunciando a qualquer forma de deslumbramento para com a *Internet*.

Uma das questões centrais do texto que acabou norteando a perspectiva da sociabilidade foi pensada em termos da territorialidade. A própria noção de rede nos remete a uma idéia de território organizado, sobre o qual podemos identificar três pontos de apoio: a *Internet* como espaço simbólico vinculado a idéia de globalidade, a flexibilidade em relação ao território geográfico e sociopolítico e, por fim, os territórios individuais, privados ou grupais, exemplificados pelas páginas pessoais e comunidades virtuais. O interessante deste trabalho foi dialogar com alguns usuários sobre essas posições, reconhecendo o envolvimento destes com toda uma dinâmica de reflexão sobre o tema proposto.

A proposta de “desmistificação” compreende que este novo espaço sociotécnico também apresenta suas ameaças, por isso é tão comum ouvirmos discussões travadas em torno da vigilância e da privacidade dos “habitantes” deste território, descontentamento e insegurança para com as atitudes do outro.

Os estudos sobre *Internet* também nos possibilita orientar novos estudos acerca da identidade e da memória privada e coletiva, considerando, sobretudo, que a função da memória está diretamente relacionada a formação de identidades, seja em termos da pessoa (enquanto indivíduo), da família, da nação, uma vez que cada indivíduo habita um espaço social partilhado e compartilhado por múltiplas experiências. Essas experiências acontecem em um cenário de muitas mudanças, empreendidas por transformações tecnológicas. Mas, ao contrário das transformações tecnológicas, as

mudanças sociais são construídas. E é isso que confere autonomia aos sujeitos de pensarem o desenvolvimento da sociedade.

Acredito que ao estudar a *Internet* acabamos por nos convencer da necessidade de encarar grandes questões. Sem este exercício prévio, os avanços dos estudos voltados para temáticas como Rede e Territorialidade; Tecnologia, Identidade e Cíberespaço; Público e Privado na Cultura Contemporânea, entre outras, ficarão limitados, uma vez que questões de peso para a historiografia acabam marginalizadas, pelo receio de enfrentá-las. A consciência das limitações deste trabalho será o impulso para a continuidade destes estudos, cujo horizonte de perspectivas são amplos.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Rachel de Castro. **Tempo e espaço em ambientes virtuais**. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups.htm>>. Acesso em 14 nov. 2005.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 304 p.

ARANHA FILHO, Jayme. **Tribos eletrônicas**: usos e costumes. Disponível em: <<http://www.alternex.com.br/%7Eesocius/t-jayme.html>>. Acesso em: 15 nov. 2005.

ARAÚJO, Yara Rondon Guasque. **Telepresença**: interação e interfaces. São Paulo: Educ/Fapesp, 2005. 252 p.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORDON, Gioconda (2005). **A fragilidade dos laços humanos**. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=123>. Acesso em 08 mar. 2007.

BORGES, Daniela Porfírio. **Cibercultura, sociabilidade e tecnologia na pós-modernidade**. 2007. 70 f. Monografia (Graduação)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2007.

BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. In: BURKE, P. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 318 p.

CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: fronteira do real e do virtual. **FAMECOS**. Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 243 p.

CASTRO, Clarissa. **Ciberencontros**: o chat da internet como espaço virtual de convívio social. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/ccastro1.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2006.

DIAS, Leila C. et alii (Orgs). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005.

DUARTE JR. João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUPAS, Gilberto. **Ética e Poder na sociedade da informação**. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001. 134 p.

FERREIRA, Marieta F. Uma história do tempo presente é possível? **Nossa História**. São Paulo, n.14, 2004.

FONTANA, Josep. Por uma história de todos. In: FONTANA, J. **A história dos homens**. São Paulo: Edusc, 2005. 510 p.

_____. Em busca de novos caminhos. In: FONTANA, J. **A história dos homens**. São Paulo: Edusc, 2005. 510 p.

GATTI, Daniel Couto. **Sociedade informacional e an/alfabetismo digital**: relações entre comunicação, computação e internet . Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2005. 164 p.

GLENISSON, Jean. Uma visão da nova história. In: GLENISSON, J. **Introdução aos estudos históricos**. 4 ed. São Paulo: DIFEL, 1983. 370 p.

GUIMARÃES JR., Mário José. **A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>> . Acesso em: 18 set. 2005.

_____. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Horizontes Antropológicos**, v.10, n.21. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20622.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KOLB, Anton et alli. **Ciberética**: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 214 p.

JANOTTI JR. Jeder Silveira. **Da lama ao caos, do caos à lama**: algumas propostas para a análise das comunidades e grupamentos contemporâneos”. Disponível em:

www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und. Acesso em jun.2007.

JÚLIO, Bruno Gonçalo de O. **Identidade e interação social em comunicação mediada por computador**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 04 jun. 2006.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, v.10, n.21. Porto Alegre, 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20621.pdf>> . Acesso em: 09 abr. 2006.

JÚNIOR, Jupy. **Chats**: Comunicação e Sociedade. Disponível em:

<http://www.uff.br/mestcii/jupy2.htm>. Acesso em: 17 dez. 2005.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 212 p.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.

LOZANO, Jorge E. A . Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M.. **Usos e abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 304p.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Novos caminhos de socialização na internet**: um estudo das listas de discussão. In: 22ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília/DF, julho, 2000.

Disponível em: < <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a7-memaximo.pdf> > .

Acesso em: 27 jan. 2006.

MIRANDA, Alex S. S. & SILVA, Greyciane S. **Cibercultura e sociedade**. Disponível

em: <<http://www.antoniomiranda.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2005.

MORAES, Dênis. **O concreto e o virtual**: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 148 p.

MOURA, Maria Aparecida. Interações Sociais e Comunidades Virtuais: Transformações na sociabilidade? **IP – Informática Pública**. Belo Horizonte, n.1, 2005.

MURAD, Angéle. **Ciberlegenda**. Disponível em:
<<http://www.uff.br/mestcii/angele2.htm>> Acesso em: 18 set. 2005.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre mundialização. 2 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, São Paulo, Programa de Estudos de Pós Graduados em História e Departamento de História da PUC-SP., Nº 14, P. 25-39, FEV.1997.'

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na Internet**: considerações iniciais. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 04 jun. 2006.

_____. **Comunidades virtuais**: uma abordagem teórica.
Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>.
Acesso em: 15 jun.2006.

ROSA, Jorge Martins. Cibercultura <<em construção>>. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n.28, Lisboa, Relógio d'água, 2001, pp. 319-332. Disponível em:
<<http://www.cecl.com.pt/investigadores/jrosa/ciberconst.html>> Acesso em: 18 out. 2005.

SALOMONE, Roberta. Os milionários do *Orkut*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 6, 09 abr. 2007.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2005.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.

SIBILIA, Paula. **A intimidade escancarada na rede**: blogs e webcams subvertem a oposição público privado. In: XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, set.2003. Disponível em:
<<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4757/1/NP8SIBILIA.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2006.

SILVA, Adelina M. P. Mundos reais, mundos virtuais: os jovens nas salas de chat. **Textos de la CiberSociedad**, n.6, 2005. Disponível em: <http://www.cibersociedade.net>. Acesso em: 02 nov. 2005.

_____. **Ciberantropologia**. O estudo das comunidades virtuais. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt> >. Acesso em: 04 jun. 2006.

SILVA, Lídia Oliveira. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: **Janelas do Ciberespaço: Comunicação e Cibercultura**. LEMOS, André, PALACIOS, Marcos (orgs). 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 164.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TRIVINHO, Eugênio. **Redes**: obliterações no fim de século. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998. 154 p.

VIDOTTI, Silvana Ap. B. G. & OLIVEIRA, Walter C. de. Auto-organização do ciberespaço: uma visão holística. **Textos de la CiberSociedad**, n.04. Disponível em: <<http://www.cibersociedade.net>>. Acesso em: 07 fev. 2006.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante a Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 238 p.